UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AGRÍCOLA

CESAR AUGUSTO JARUTAIS FENSTERSEIFER

OTIMIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE CALIBRAÇÃO E VALIDAÇÃO DO MODELO CROPGRO-soybean.

Santa Maria, RS
2016

Cesar Augusto Jarutais Fensterseifer

OTIMIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE CALIBRAÇÃO E VALIDAÇÃO DO MODELO CROPGRO-soybean.

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola, Área de Concentração em Engenharia de Água e Solo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Engenharia Agrícola.**

Orientador: Prof. Nereu Augusto Streck

Santa Maria, RS
2016

Cesar Augusto Jarutais Fensterseifer

OTIMIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE CALIBRAÇÃO E VALIDAÇÃO DO MODELO CROPGRO-soybean.

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola, Área de Concentração em Engenharia de Água e Solo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Engenharia Agrícola.**

Aprovado em 06 de Dezembro de 2016:

Nereu Augusto Streck, PhD.
(Presidente/Orientador)

Genei Antônio Dalmago, Dr. (EMBRAPA)

Bernadete Radin, Dra. (FEPAGRO)

Alexandre Swarowsky, PhD. (UNIFRA)

Arno Bernarndo Heldwein, Dr. (UFSM)

Santa Maria,
06 de Dezembro de 2016..

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu pai Jorge Luis Fensterseifer e à minha avó Ermínia Sausen Fensterseifer, por não medirem esforços, dedicação e apoio, em minha formação moral e profissional durante toda a minha jornada.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria e ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola pela oportunidade de realização do curso e aperfeiçoamento profissional.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro através da concessão de recursos financeiros que viabilizaram a coleta de dados de campo, através do Projeto número 471860/2012-3.

À CAPES pelo auxílio financeiro através da concessão das bolsas de Doutorado e Doutorado Sanduíche.

À FAPERGS e ao CNPq pelas bolsas de iniciação científica para os alunos que auxiliaram na condução dos experimentos e coleta de dados de 2010 até 2015.

Ao professor Nereu Augusto Streck pela oportunidade, orientação, esforço e paciência durante o Doutorado.

Aos meu pai Jorge Luis Fensterseifer, minha Avó Ermínia Sausen Fensterseifer e minha tia Iara Fensterseifer Schmidt, pelo apoio incondicional, amizade e carinho durante toda a caminhada.

Ao Professor Guillermo A. Baigorria pela orientação e a University of Nebraska-Lincoln, Nebraska, Estados Unidos da América por ter permitido a realização de parte do meu doutoramento.

Aos agricultores Fernando Giacomini (Restinga Sêca), Claudemir Richter (Tupanciretã) e Adriano Nunes de Almeida (Água Santa) por terem permitido conduzirmos experimentos nas suas propriedades durante os anos agrícolas 2013/2014 e 2014/2015.

Aos professores Cleber Alberto Maus (Unipampa), Isabel Lago (UFSM), Gizelli Moíano de Paula (UFSM-CESNORS) e seus alunos de iniciação científica pela condução e avaliação de experimento.

À Dra. Liege da Costa e demais pesquisadores e funcionários da Fepagro Sementes de Júlio de Castilhos pela condução e manejo de experimento.

Ao extensionista da Emater, Luís Antônio Rocha Barcellos, pelo auxílio na escolha das propriedades e produtores rurais onde foram conduzidos os experimentos.

Um Agradecimento especial aos colegas e amigos do Grupo de Agrometeorologia da UFSM, principalmente aos que fizeram parte do "Projeto Soja" pela amizade e ajuda na coleta dos dados durante seis anos de experimento de campo.

Aos membros da banca avaliadora pela disponibilidade, sugestões e contribuições para melhoria do trabalho.

À todos aqueles não listados e que de alguma maneira contribuíram para a realização do trabalho, o meu Muito Obrigado.

A boa educação de um homem,
é a sua melhor garantia contra a
má educação dos outros.
(Lord Chesterfield).

RESUMO

OTIMIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE CALIBRAÇÃO E VALIDAÇÃO DO MODELO CROPGRO-soybean.

AUTOR: CESAR AUGUSTO FENSTERSEIFER
ORIENTADOR: NEREU AUGUSTO STRECK

Modelos agrícolas são ferramentas importantes para aprimorar técnicas de manejo e consequentemente a eficiência dos sistemas agrícolas. Esse acréscimo na eficiência são úteis para atender a crescente demanda de alimentos e combustíveis, sem avançar a fronteira agrícola. A calibração e validação de um modelo agrícola, historicamente considerou conjuntos de dados que variam de poucos á muitos experimentos. Poucos experimentos podem aumentar as incertezas e muitos experimentos tem alto custo financeiro e demanda de tempo. Pelo método de partição em dois grupos, o conjunto de experimentos é dividido em duas partes, uma para calibrar e a outra validar o modelo. Se apenas um conjunto pequeno de experimentos está disponível, dividi-los pode prejudicar o desempenho do modelo. Assim, métodos que otimizem esses processos, diminuindo o tempo e o custo de experimentos necessários para a calibração e validação, são sempre bem vindos. O objetivo do primeiro capítulo desta tese, foi comparar o método tradicionalmente utilizado na calibração e validação de modelos com um método mais robusto (cross-validation). Ambos os métodos foram aplicados para estimar os coeficientes genéticos na calibração e validação do modelo CROPGRO-soybean, utilizando múltiplos experimentos. Um conjunto com os 3 experimentos mais detalhados foram utilizados para calibração utilizando o método de partição em dois grupos. Já o método cross-validation, foi aplicado utilizando 21 experimentos. A cultivar NA5909 RG foi selecionada por ser uma das mais cultivadas no sul do Brasil nos últimos 5 anos, conduzida em experimentos distribuídos em oitos locais do Estado do Rio Grande do Sul durante as safras de 2010/2011 ate 2013/2014. O método cross-validation reduziu os RMSEs encontrados no método tradicionalmente utilizado de 2.6, 4.6, 4.8, 7.3, 10.2, 677 e 551 para 1.1, 4.1, 4.1, 6.2, 6.3, 347 e 447 para emergência, R1, R3, R5, R7 (em dias), grãos.m^{-2} e kg.ha^{-1}, respectivamente. Foi observado estabilidade na maioria das estimativas de coeficientes genéticos, o que sugere a possibilidade de utilizar um menor número de experimentos no processo. Considerando a ampla faixa de condições ambientais, o modelo apresentou desempenho satisfatório na previsão fenológica, de biomassa e produtividade. Para otimizar os processos de calibração e validação, indica-se que o método cross-validation seja utilizado sempre que possível. No segundo capítulo, o principal objetivo foi avaliar o desempenho do uso de diferentes números de experimentos, e estimar o número mínimo necessário para garantir desempenho satisfatório do modelo CROPGRO-soybean. Esse estudo também utilizou 21 experimentos, com a cultivar BMX Potência RR. Os experimentos foram organizados em quatro grupos: Grupo 1 (semeaduras individuais), grupo 2 (ano agrícola por local), grupo 3 (local experimental) e grupo 4 (todos os experimentos juntos). Conforme o número de experimentos aumentou, a variabilidade dos coeficientes e os erros relativos (RRMSE) diminuíram. O primeiro grupo apresentou os maiores erros relativos, com até 28.4, 48 e 36% de erros nas simulações de R1, IAF e produtividade, respectivamente. O maior decréscimo nos erros relativos, ocorreu quando avançamos do grupo 1 para o grupo 2. Em alguns casos os erros foram reduzidos em mais que duas vezes. Assim, considerando o elevado custo financeiro e a demanda de tempo que os grupos 3 e 4 apresentam, recomenda-se a escolha de pelo menos o grupo 2, com 3 experimentos no mesmo ano agrícola. Essa estratégia vai permitir um melhor entendimento sobre o desempenho da cultivar, além de calibrar e validar o modelo CROPGRO-soybean, evitando os altos custos de vários experimentos, garantindo o desempenho satisfatório do modelo.

Palavras-chave: CROPGRO-soybean. Modelo agrícola. Cross-validation.

ABSTRACT

OPTIMIZATION OF THE CROPGRO-soybean MODEL CALIBRATION AND VALIDATION PROCESSES

AUTHOR: CESAR AUGUSTO FENSTERSEIFER
ADVISOR: NEREU AUGUSTO STRECK

Crop models are important tools to improve the management and yield of agricultural systems. These improvements are helpful to meet the growing food and fuel demand without increase the crop areas. The conventional approach for calibrating/validating a crop model considers few to many experiments. However, few experiments could lead to higher uncertainties and a large number of experiments is too expensive. Traditionally, the classical procedure use to share an experimental dataset one part to calibrate and the other to validate the model. However, if only few experiments are available, split it could increase the uncertainties on simulation performance. On the other hand, to calibrate/validate the model using several experiments is too expensive and time consuming. Methods that can optimize these procedures, decreasing the processing time and costs, with a reliable performance are always welcome. The first chapter of this study was conducted to evaluate and compare a statistically robust method with the classical calibration/validation procedure. These two procedure, were applied to estimate the genetic coefficients of the CROPGRO-soybean model, using multiple experiments. The cross-validation leave-one-out method, was applied to 21 experiments, using the NA 5909 RG variety, across a southern state of Brazil. The cross-validation reduced the classical calibration/validation procedure average RMSE from 2.6, 4.6, 4.8, 7.3, 10.2, 677 and 551 to 1.1, 4.1, 4.1, 6.2, 6.3, 347 and 447 for emergence, R1, R3, R5, R7 (days), grains.m-2 and kg.ha-1, respectively. There was stability in the estimated ecotype and genetic coefficient among the 21 experiments. Considering the wide range of environment conditions, the CROPGRO-soybean model provided robust predictions of phenology, biomass and grain yield. Finally, to improve the calibration/validation procedure performance, the cross-validation method should be used whenever possible. For the second chapter of this study, the main objectives were to evaluate the calibration/validation uncertainties using different numbers of experiments and to find out the minimum number of experiments required for a reliable CROPGRO-Soybean simulation. This study also used 21 field experiments (BMX Potencia RR variety) sown in eight different locations of Southern Brazil between 2010 and 2014. The experiments were grouped in four classes (Individual sowings, season/year per location, experimental sites, and all data together). As the grouping level increase, the developmental stages RRMSE (%), decreased from 22.2% to 7.8% from individual sowings to all data together, respectively. The use of only one individual sowings experiment could lead to a RRMSE of 28.4, 48, and 36% for R1, LAI and yield, respectively. However, the largest decrease occurred from the individual sowings to the season/year per location. Then, is recommended, use at least the season/year per location (early, recommended and late sowing dates) class. It will allow understand the behavior of the variety, avoiding the high costs of several experiments and keeping a reliable performance of the model.

Key words: CROPGRO-soybean, crop model, cross-validation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

O aumento na demanda por alimentos e fontes alternativas de energia no mundo, exerce crescente pressão nos recursos naturais, visando o aumento da produtividade das culturas, sem avançar as fronteiras agrícolas. Importante fonte de proteína para alimentação animal e humana, a cultura da soja (*Glycine max* (L.) Merrill) é a oleaginosa mais produzida no mundo. Entre inúmeros subprodutos, destaca-se como principal fonte de biodiesel (quase 80%) para suprir a demanda energética do Brasil (ABIOVE, 2016). A produção mundial de soja quase triplicou nos últimos 20 anos, passando de 127 para em torno de 330 milhões de toneladas (1995 – 2016/17, USDA). Estados Unidos, Brasil, Argentina e China são os maiores produtores mundiais (somam em torno de 85% da produção global) de soja e estima-se que produzirão 114, 101 e 57 milhões de toneladas na safra 2016/17, respectivamente.

A crescente demanda por cultivares de soja mais resistentes e produtivas, faz com que as empresas acelerem o lançamento de novas cultivares, e consequentemente, diminuam o período e a abrangência dos testes. Essas restrições nos experimentos e avaliações, aumentam as incertezas sobre o real desempenho da cultivar em diferentes regiões e/ou sob diferentes manejos. O conhecimento mais detalhado das interações genótipo x ambiente x manejo, aumentaria a eficiência do planejamento agrícola e o desempenho das cultivares nas lavouras.

Propostos há mais de 50 anos (modelo GOSSYM) (EL-Sharkawy, 2011)), modelos agrícolas, são ferramentas que sintetizam o conhecimento de anos de pesquisa sobre os processos físicos, químicos, biológicos e suas interações (Ma et al., 2000). Entre os vários modelos disponíveis para soja, destaca-se o modelo CROPGRO-soybean (Boote et al., 1998), um modelo mecanístico, com base fisiológica, que simula o crescimento, desenvolvimento e produtividade de soja em função das condições ambientais, manejo e características da cultivar. O modelo faz parte do Sistema de Suporte à Decisão e Transferência de Agrotecnologia (DSSAT), capaz de simular mais de 28 culturas. Após devidamente calibrados, os modelos são alternativas de baixo custo, capazes de replicar experimentos pontuais e simular ilimitadamente as interações genótipo x ambiente x manejo de uma cultivar.

Tradicionalmente, ao calibrar e validar um modelo, um conjunto de experimentos é dividido em duas partes, uma para a calibração e outra para a validação (Garrison et al., 1999). Ao utilizar um número limitado de experimentos, dividi-los em duas partes pode afetar negativamente o desempenho da calibração e validação (Thorp et al., 2007). Além disso, quanto maior o número de experimentos, melhor é o desempenho das simulações de produtividade do modelo (Thorp et al., 2007). Os altos custos de tempo e financeiro que demanda a condução múltiplos experimentos, estão entre as principais dificuldades enfrentadas na expansão da utilização de ferramentas como modelos agrícolas.

Assim, alternativas capazes de otimizar e reduzir o número de experimentos necessários para calibrar e validar o modelo agrícola, sem comprometer o desempenho durante a validação, incentivaria a pesquisa e utilização de ferramentas que simulam as culturas. Quanto mais próxima dos tomadores de decisões essas ferramentas estiverem, maior o entendimento sobre o comportamento das cultivares e consequentemente, a eficiência do planejamento agrícola. Os objetivos deste trabalho são: 1) Testar e avaliar o desempenho de dois métodos de calibração e validação do modelo CROPGRO-soybean e 2) quantificar as incertezas causadas pelo uso de diferentes números de experimentos na calibração e validação do modelo CROPGRO-soybean.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A CULTURA DA SOJA

A cultura da Soja (*Glycine max* (L.) Merrill) teve sua origem no século XI a.C. no norte da China, a partir do cruzamento de duas espécies de soja selvagens, que foram melhoradas e domesticadas (Dall´agnol et al., 2007). No Brasil, as primeiras referências da cultura ocorreram no Estado da Bahia (utilizada como forrageira) em 1882. O cultivo comercial surgiu a partir de 1914, na região noroeste do Estado do Rio grande do Sul (Santa Rosa), onde as condições climáticas se assemelham às condições de origem e as que eram cultivadas no sul dos Estados Unidos (Zanon et. al., 2015). Atualmente os principais produtores mundiais são os Estados Unidos, Brasil, Argentina e China, responsáveis por mais de 87% da produção mundial (USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, 2017).

Na safra 2015/2016, a área cultivada com soja no mundo foi de 119,732 milhões de hectares com uma produção de 313.2 milhões de toneladas (USDA, 2016). O Brasil é o segundo maior produtor mundial de soja. Na safra 2016/2017 serão cultivados em torno de 34 milhões de hectares, totalizando uma produção estimada entre 102 e 104 milhões de toneladas (CONAB, 2016). Na safra (2012/2013) o Brasil alcançou pela primeira vez na história o título de maior produtor mundial de soja, após os Estados Unidos registrarem a maior estiagem no país desde 1956 (USDA, 2013).

No Brasil, a soja é a cultura agrícola que mais cresceu nas últimas três décadas e atualmente corresponde a quase 60% da área plantada em grãos do país (CONAB, 2016) (Figura 1).

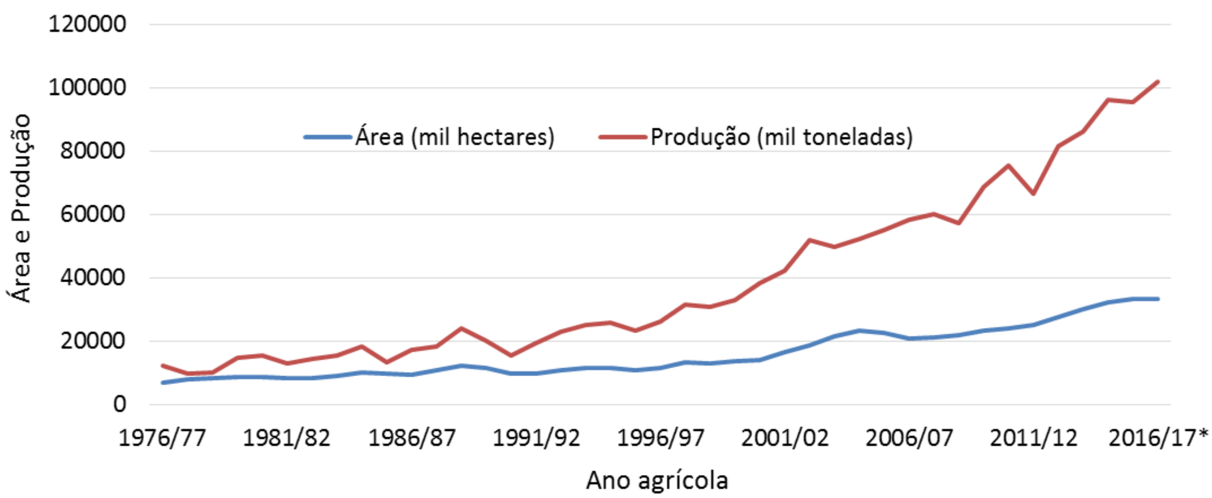


Figura 1: Evolução histórica da área semeada e produção de soja no Brasil (* produção e Área estimadas).

Com aproximadamente 38% de proteínas, 19% de lipídios, 23% de carboidratos e 17% de fibra alimentar na composição nutricional, é crescente o número de subprodutos derivados a partir do grão de soja. Essa grande quantidade de subprodutos que se derivam da soja, faz com que a cultura apresente alto valor econômico, tanto em nível nacional, quanto internacional (Silva et al., 2006). Os derivados abastecem demandas como a alimentação humana, nutrição animal, usos industriais, biocombustíveis, além de ser a matéria prima mais importante do mundo para a produção de óleo comestível (Borrmann, 2009).

A soja é a principal oleaginosa utilizada para suprir o avanço do percentual de biocombustível estipuladas pelo PNPB (Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel), responsável por aproximadamente 80% da produção de biodiesel (PNPB, 2013). O país apresentou um expressivo salto na produção de grãos de soja nos últimos anos, de aproximadamente 75 milhões para 103 milhões de toneladas nas safras de 2010/2011 e 2016/17, respectivamente (CONAB, 2016), ou seja, um aumento em torno de 37% na produção. Já nas exportações de soja no mesmo período citado acima, apresentaram um aumento de aproximadamente de 72% (CONAB, 2016).

A Região Sul do Brasil está em segundo lugar em área cultivada e produção de soja (19,209 milhões de ha), ficando atrás apenas da Região Centro-Oeste, onde o Estado do Mato Grosso é o maior produtor, seguido pelo Paraná e pelo Rio Grande do Sul (CONAB, 2016) (Figura 2). Desses três Estados, o RS é o que apresenta a menor média de produtividade, parcialmente explicada por recorrentes estiagens em estágios críticos da cultura.

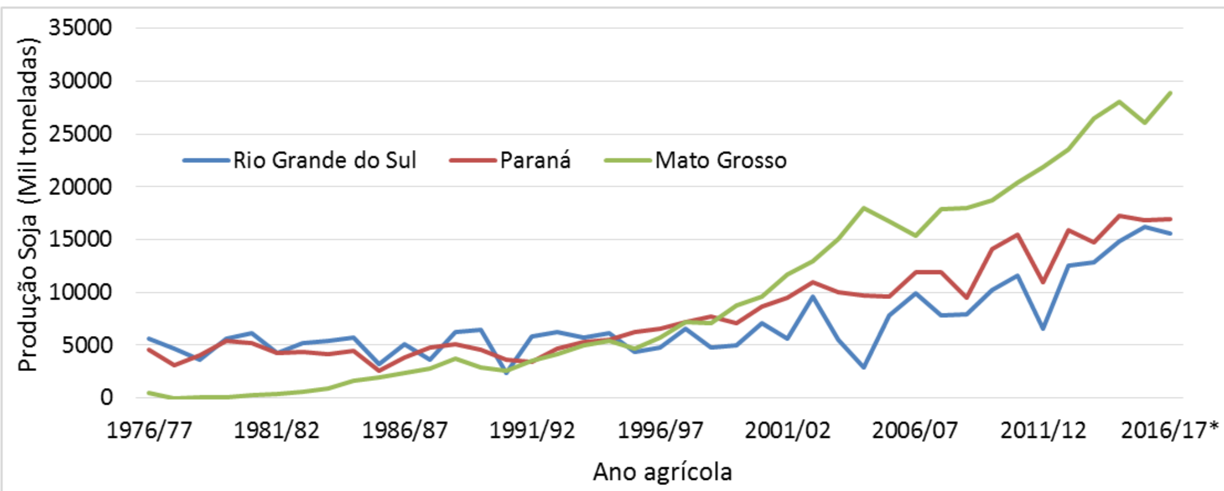


Figura 2: Evolução da produção de soja nos principais produtores estaduais do Brasil.

2.2 MODELOS DE SIMULAÇÃO DO CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO E PRODUTIVIDADE DAS CULTURAS

Existem inúmeros modelos de simulação de culturas na literatura que possibilitam a estimativa de produtividade de grãos. Modelos matemáticos são ferramentas úteis para caracterizar o crescimento e o desenvolvimento das culturas agrícolas (Streck et al., 2008a). Entre os diversos tipos de modelos, os mais simples são os empíricos, que estabelecem relações simplificadas entre algumas (uma a três) variáveis (meteorológicas, por exemplo) e a produtividade de uma determinada cultura. São geralmente compostos por equações diretas obtidas pelas curvas de correlação entre determinadas variáveis. Entre inúmeros exemplos, o modelo empírico proposto por Thenkabail et al., (1994) (equação 1) que estima o índice de área foliar (IAF) da cultura da soja baseado no índice de vegetação com diferença normalizada (NDVI).

Equação 1. $$IAF = 0{,}511e^{5{,}167*NDVI}$$

Entre os modelos mais complexos, destacam-se os mecanísticos, que são capazes de simular todos os processos e interações envolvidos na produção de matéria seca durante o crescimento, desenvolvimento e produtividade das culturas (Dourado-Neto et al., 1998). Apesar da maioria dos modelos mecanísticos necessitar de um maior número de variáveis iniciais, de modo geral, apresentam desempenho superior se comparados a outros tipos de modelos.

Partindo do princípio de que as plantas respondem ao meio, a maioria dos modelos de simulação de culturas utilizam as temperaturas cardinais das culturas para calcular a soma térmica necessária para estimar a taxa de crescimento. Temperaturas cardinais são compostos pela temperatura base (Tb), temperatura ótima 1 (TOpt1), temperatura ótima 1(TOpt2) e temperatura máxima (Tmax). A temperatura base, é o valor limite em que abaixo o crescimento é nulo ou irrelevante. As temperaturas ótimas são o intervalo no qual a taxa de crescimento é máximo para a cultura. Já a temperatura máxima, é o valor no qual a taxa de crescimento é nula.

Modelos agrícolas são ferramentas poderosas, que sintetizaram todo o conhecimento obtido durante décadas de experimentos conduzidos no campo, em ambientes controlados e laboratórios. Isso os torna capazes de simular os principais processos das plantas, como a fotossíntese, evapotranspiração, distribuição de água no solo, dinâmica de nutrientes na planta e no solo, transferências de energia e o crescimento da cultura dia após dia. Esse elevado nível de detalhamento, permite a avaliação do desempenho de cultivares em diferentes regiões, solos, condições climáticas e datas de semeadura (Soler, Sentelhas & Hoogenboom, 2009). Essas avaliações podem minimizar as incertezas sobre as interações genética x ambiente x manejo, impactos do clima, e aprimorar a irrigação, fertilização e o melhoramento genético (Thorp et al., 2014).

No caso da soja, diversos modelos simulam mudanças físicas, químicas e processos biológicos na planta em função da disponibilidade dos elementos meteorológicos, tipos de solo e manejo da cultura (Vera-Diaz, 2008). Essa caracterização é importante, pois permite projetar a data de ocorrência de alguns estádios de desenvolvimento, bem como a previsão de duração das fases vegetativa e reprodutiva e o período de sobreposição das mesmas, o que é importante para a realização do manejo e também para escolha de cultivares com maior estabilidade de produção (Marchezan, 1982; Rodrigues et al., 2001). Alguns dos modelos de simulação da cultura da soja incluem: o modelo SOYBEAN (Sinclair, 1986), o modelo GLYCIM (Acock; Trent, 1991), o modelo SOYCROS (Penning de Vries et al., 1992), o modelo CROPGRO–soybean (Boote et al., 1998), e os modelos SOYDEV e SOYSIM (Setiyono et al., 2007; 2010).

O modelo CROPGRO faz parte da plataforma Decision Support System for Agrotechnology Transfer (DSSAT) (Hoogenboom et al., 2004), juntamente com outros modelos que somados, simulam 28 culturas agrícolas. Atualmente a plataforma DSSAT está na versão 4.6 (Hoogenboom, 2012). Para executar as simulações no modelo CROPGRO-soybean, é necessário supri-lo com dados meteorológicos diários de temperaturas máximas e mínimas, radiação solar e precipitação pluviométrica. Para aumentar a precisão das simulações, são necessárias informações detalhadas sobre o experimento e as condições ambientas.

2.3 MODELO CROPGRO

O modelo CROPGRO foi construído baseado nos modelos SOYGRO, PNUTGRO e BEANGRO, para simular legumes e, posteriormente adaptado para outras culturas como Amendoim, Feijão, Grão de Bico, Feijão de Corda, Vagem, Tomate, Feijão da Flórida, Braquiária, Grama Bahia, Algodão, Repolho, Pimentão, Mandioca, Batata, Cana de açúcar, Tomate e Girassol (DSSAT version 4.6). O modelo CROPGRO calcula a fotossíntese do dossel em intervalos de tempo por hora, utilizando parâmetros de fotossíntese a nível de folha, com cálculos da interceptação de luz na entrelinha e na cobertura. O CROPGRO é um modelo baseado em processos que considera o balanço de Carbono na cultura, o balanço de Nitrogênio no solo e o balanço hídrico (Ines et al. 2001).

O modelo CROPGRO-soybean, foi desenvolvido para simular o crescimento, desenvolvimento e a produtividade de soja em função das características específicas da cultivar (duração dos estágios fenológicos, estrutura, tamanho e formato de folhas, ...), condições do solo, do clima e do manejo (cultivar, espaçamento, densidade, data de semeadura, fertilização e irrigação) (Jones et al. 2003). Esses processos simulam a fotossíntese, respiração, acúmulo e partição de biomassa, extração de água do solo, evapotranspiração e sequestro de nutrientes do solo. Para simular o crescimento, desenvolvimento e produtividade de forma mais precisa, o modelo CROPGRO-soybean deve ser calibrado, utilizando dados observados em experimentos.

Para a calibração dos estádios fenológicos de uma cultivar, são utilizados dados observados em experimentos de campo. A data de cada estádio fenológico é estimada quando mais de 50% das plantas monitoradas, atingem determinado estádio. Esses estádios fenológicos foram estimados de acordo com a escala de Fehr & Caviness (1977), e posteriormente, foram utilizados apenas os estádios que o modelo CROPGRO-soybean necessita (Emergência, R1, R3, R5 e R7). O estágio R1 é o aparecimento da primeira flor na haste principal, considerado o início do florescimento. O R3 e R5 são o início da formação do legume e início do enchimento de grãos, respectivamente, e são determinados nos últimos 4 nós da haste principal. Finalmente o estádio R7, que é o início da maturação fisiológica da planta, quando um dos legumes se encontra na cor amarela. Esses dados são então transformados para dias após a emergência (DAS), valores obtidos como resultados nas simulações.

Assim, a cada simulação realizada, o valor de DAS simulado é comparado com o observado, e se necessário, os coeficientes são modificados novamente, até que os valores apresentem o menor erro médio quadrático possível.

Tabela 1: Descrição dos coeficientes genéticos que foram modificados durante a calibração de novos cultivares.

Coeficiente	Descrição
	Coeficientes de desenvolvimento
CSDL	Também chamada de CSDVAR, comprimento crítico do dia, acima do qual o processo de desenvolvimento reprodutivo não é afetado (horas);

PPSEN	Inclinação da resposta relativa do desenvolvimento para fotoperíodo com o tempo ($1.hora^{-1}$);
EM-FL	Período entre a emergência da planta e o aparecimento da primeira flor (R1) (dias fototermais);
FL-SH	Período entre o aparecimento da primeira flor e a primeiro legume (R3) (dias fototermais);
FL-SD	Período entre o aparecimento da primeira flor e o início da formação do grão (R5) (dias fototermais);
SD-PM	Período entre o início da formação do grão e a maturidade fisiológica (R7) (dias fototermais);
FL-LF	Período entre o aparecimento da primeira flor (R1) e final da expansão foliar;
	Coeficientes de crescimento
LFMAX	Taxa máxima de fotossíntese da folha a uma taxa ótima de temperatura 30ºC (mg $CO_2.m^{-2}.s^{-1}$);
SLVAR	Área foliar específica sob condições normais de crescimento;
SIZLF	Tamanho máximo da folha completamente expandida (cm^2);
XFRT	Máxima fração do crescimento diário que é particionada para a semente mais a vagem;
WTPSD	Peso máximo de um grão (g);
SFDUR	Tempo necessário para que o enchimento de grãos do último legume esteja completo sob condições de crescimento ótimas (dias fototermais);
PODUR	Duração do enchimento de grão na cavidade do legume em condições normais de crescimento (dias fototermais);

De acordo com Dallacort et at., (2005), o modelo CROPGRO-soybean apresentou alta sensibilidade à variação dos coeficientes genéticos dos cultivares estudados. A distribuição da precipitação pluviométrica foi um dos fatores que mais influenciou no índice de área foliar e na produtividade, ou seja, o modelo penaliza o crescimento, desenvolvimento e produtividade severamente em condições de déficit hídrico.

Para padronizar e fazer com que todos os modelos da plataforma DSSAT utilizem o mesmo processo de balanço hídrico do solo, as simulações são realizadas pelo módulo SWAP (solo-água-planta-atmosfera) separado do restante do modelo. Para simular o balanço hídrico no solo, o modelo necessita de informações físicas detalhadas de todos as camadas individualmente. Em cada camada, a espessura, ponto de murcha, capacidade de campo, saturação, fator de crescimento das raízes, condutividade hidráulica saturada, densidade, textura, acidez do solo e capacidade de troca de cátions (CTC), precisam ser informados. Informações sobre o albedo, limite de evaporação diária, taxa de drenagem diária, curva de escoamento superficial e fertilidade do solo também devem ser informados.

A infiltração é calculada subtraindo o escoamento superficial do volume total de chuva a cada dia. O método SCS (Soil Conservations Service, 1972) é utilizado para particionar o volume total, em infiltração e escoamento superficial. O método SCS, leva em conta a textura, declividade e forma da semeadura (plantio direto ou convencional), para estimar o escoamento superficial pela curva número. O método foi melhorado (Williams et. al. 1984), para levar em conta todas as camadas do solo e os respectivos conteúdos de água no momento em que a precipitação pluviométrica ocorre.

Para simular o balanço hídrico e fluxo descendente de água entre as camadas do solo, é utilizado o método cascata (RITCHIE, 1998), em que a drenagem da água só ocorre a partir do momento que o volume de água é superior a capacidade de campo. O fluxo de água através de uma camada é estimado de acordo com os parâmetros físicos, e posteriormente comparada pela condutividade hidráulica saturada da respectiva camada. Se a taxa de infiltração estimada for maior que a condutividade hidráulica da camada, mantem-se a condutividade hidráulica e o restante é armazenado na camada superior. Esse processo garante maior precisão ao simular solos com baixa capacidade de drenagem. O movimento de fluxo ascendente é simulado a partir de uma equação da difusividade de água no solo, que leva em conta as diferenças volumétricas do conteúdo de agua das camadas adjacentes, parametrizada para solos de diferentes texturas (Jones et. al, 2003).

Timsina et. al., 2007, testaram o desempenho do modelo CROPGRO-soybean ao simular os danos causados pela perda de folhas e vagens causada por insetos durante diferentes estádios da cultura. Em geral, a previsão de perda de vagens foi precisa, porém, é necessária a avaliação da simulação do aparecimento de vagens tardias, após a defoliação. Concluíram que o modelo apresentou capacidade adequada para ser usado como ferramenta para quantificar os danos causados pela queda de vagens e folhas em diferentes períodos e intensidades na cultura da soja.

Alagarswamy et. al., 2006, avaliaram o desempenho do modelo CROPGRO-soybean na simulação das respostas fotossintéticas a diferentes níveis de dióxido de carbono. As simulações representaram de forma correta (valores da literatura) os efeitos do aumento na concentração de dióxido de carbono na atmosfera. Os resultados obtidos no índice de concordância de Willmott variaram entre 0,86 a 0,99, o que dá credibilidade ao uso do modelo CROPGRO-soybean.

3 OBJETIVO GERAL

Otimizar o método e o número de experimentos necessários nos processos de calibração e validação, sem prejudicar o desempenho do modelo CROPGRO-soybean.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1 – Avaliar o desempenho do método cross-validation Leave-One-Out e o método de partição em dois grupos (tradicionalmente utilizado) aplicados na calibração e validação do modelo CROPGRO-soybean;

2 – Quantificar as incertezas na utilização de diferentes números de experimentos na calibração e validação do modelo CROPGRO-soybean, buscando um número ótimo de experimentos.

5 ARTIGO 1

CALIBRATING ECOTYPE AND GENETIC COEFFICIENTS FOR MODELING SOYBEAN USING CROSS-VALIDATION ON MULTIPLE EXPERIMENTAL FIELDS

(Artigo submetido para publicação na revista Engineering in Agriculture, Environment and Food)

Calibrating ecotype and genetic coefficients for modeling soybean using cross-validation on multiple experimental fields

Cesar Fensterseifer[1], Guillermo A. Baigorria[2,3*], Nereu Streck[1], Alencar Zanon[1], Jossana Cera[1], Amit P. Timilsina[2] and Thiago Schmitz Marques da Rocha[1]

[1] Dep. De Fitotecnia, Universidade Federal de Santa Maria, Av. Roraima, Prédio 77, CEP 97105-900, Camobi, Santa Maria, RS, Brazil
[2] School of Natural Resources. University of Nebraska-Lincoln. Lincoln, NE 68583-0968, USA
[3] Department of Agronomy & Horticulture. University of Nebraska-Lincoln. Lincoln, NE 68583-0968, USA
* Corresponding author. e-mail: eng.cesar-augusto@hotmail.com

Abstract

Crop models are important tools to improve the management and yield of agricultural systems. These improvements are helpful to meet the growing food and fuel demand without increase crop areas. Performance improvements, such as decrease calibration and validation processing time and increase accuracy are always needed. This study was conducted to compare a statistically robust method with the traditionally used two-group partition method (by Thorp et al., 2007), to calibrate/validate and estimate ecotype and genetic coefficients of CROPGRO-soybean model using multiple experiments. Cross-validation method was applied to 21 experiments across a southern state of Brazil. The cross-validation reduced the classical calibration/validation procedure average RMSE from 2.6, 4.6, 4.8, 7.3, 10.2, 677 and 551 to 1.1, 4.1, 4.1, 6.2, 6.3, 347 and 447 for emergence, R1, R3, R5, R7 (days), grains.m^{-2} and kg.ha^{-1}, respectively. There was stability in the estimated ecotype and genetic coefficient among the 21 experiments. Considering the wide range of environment conditions, the CROPGRO-soybean model provided robust predictions of phenology, biomass and grain yield. Finally, to improve the coefficients estimation and simulation performance, the cross-validation method should be used whenever possible.

***Key words*:** soybean, genetic coefficients, uncertainty, cross-validation, crop models, CROPGRO-soybean

1. INTRODUCTION

Soybean (*Glycine max* (L.) Merrill) is the most produced oilseed crop worldwide (FAO, 2013). After the USA, Brazil is the second higher soybean producer, comprising approximately 31% of the total world soybean production (nearly 283 Million tons) in 2013/14 (USDA, 2015). The country has seen a significant increase in soybean cropping area during the last three decades currently covering 56% of the total summer cropped area (CONAB, 2015). Besides its use in food and feed, it has been increasingly used to produce biofuel and it is the source of more than 70% of the total biofuel used to supply the goals of the National Program for Production and Use of Biodiesel (PNPB), around 4 billion of liters in 2015.

Rio Grande do Sul (RS) is the largest biodiesel-producing and the third largest soybean-producing State in Brazil, and this state is responsible for 28.3% (APROBIO, 2015) and 15.6% (CONAB, 2015) of the Brazilian national production of these commodities. However, RS is also the State with the highest variability in soybean yields, mainly due to severe droughts in critical developmental stages (flowering and grain filling), as almost all of soybean production in RS is rainfed.

Crop models represent important and widely used tools for different purposes. After proper calibration, crop models may be used to predict the yields of specific genotypes and evaluate management options for them under different growing conditions. Crop models have been used for more than 40 years for different crops worldwide, including soybeans (Sinclair, 1986; Boote et al., 1997; Setiyono et al., 2010). Of all the available soybean crop models, one of the most used is the CSM-CROPGRO-soybean (Boote et al., 1998) model, as part of the Decision Support System for Agrotechnology Transfer (DSSAT; Jones et al., 2003).

In order to increase the reliability and usefulness of crop models, proper calibration is necessary. Genetic coefficients (coefficients that are specific for cultivars or varieties) are one of the major inputs (Irmak et al., 2000) used to test a model's robustness for simulating crop growth, development and yield in a range of soybean growing regions (Mavromatis et al., 2002). However, genetic coefficients may be affected by varying growing conditions, as demonstrated for soybean cultivars grown in Georgia and North Caroline States using the CROPGRO-Soybean model (Mavromatis et al., 2001). Among possible reasons that genetic coefficients are not stable in different growing conditions, temperature functions that drive development and growth processes may be incorrect (Mavromatis et al., 2001). Furthermore, new soybean cultivars are released annually, and the implications of these new releases every year is that genetic coefficients in crop simulation models are quickly outdated. Here in Brasil, about 150 new soybean varieties are launched and registered every annually.

The calibration of the genetic coefficients are usually time-consuming and expensive, as there is a need to conduct field experiments in several sowing dates and in different locations. As a consequence of varying genetic coefficients and the need for updating genetic coefficients for new cultivars, model performance can be greatly affected. Irmak et al. (2002) evaluated six genotypes of soybean, representing the maturity group VII, over five different locations and years (1987-1996) in Georgia (USA), resulting in forty place-year combinations. They found that the uncertainties associated with varying the genotypic coefficient amounted to 21% of the average yield of six genotypes (a root-mean-square error of prediction (RMSEP) of 448 kg ha^{-1}). Part of such uncertainties may be associated with the calibration procedure. The classical approach in which the dataset is divided into two groups, one for calibration and the other for validation (Garrison et al., 1999; Zhao et al., 2000; Bakhsh et al., 2001) may not take into account all the variability in the data and thereby impair the ability of models to simulate the observed variability over time and space.

Considering the above uncertainties, two questions may arrive: Is it possible to decrease the uncertainties in simulated yields by improving current methods of estimating the genetic coefficients? Is it possible to develop a multiple-site calibration method for a crop model? This study was carried out to help answer these questions. The objective of this study was to apply and compare an statistically robust method to calibrate/validate genetic coefficients against the traditional calibration/validation method using multiple experiments.

2. DATA AND METHODS

2.1 Field experiment data

The experiments were located in eight different cities across of the RS State, and comprised experiments conducted in government institutions (universities and state foundations) and experiments conducted in commercial farmers. The governmental institutions were the State Foundation of Agricultural Research - Fepagro (located in Julio de Castilhos), the Federal University of Pampa (in Itaqui city), the Federal University of Pelotas (in Pelotas) and the Federal University of Santa Maria (in Santa Maria and Frederico Westphalen). The farms were located in the cities of Água Santa, Tupanciretã and Restinga Seca, and the on-farm experiments were conducted under the same soil and crop management used by each farmer.

These eight sites were selected because they represent different regions where soybean is grown, covering most of the environment conditions of the state. The cities of Itaqui and Pelotas, are regions where soybean is grown in lowlands, as a rotation crop with rice and represents the west and South region of the State, respectively. Água Santa and Frederico Westphalen represents important high lands soybean regions with deep soils, located in the north region of the State. Tupanciretã and Júlio de Castilhos, rank as the first and the third larger soybean grown area in the state. The cities of Santa Maria and Restinga Seca are mostly counties with small farming systems, both locates under the central region of the State (Figure 1).

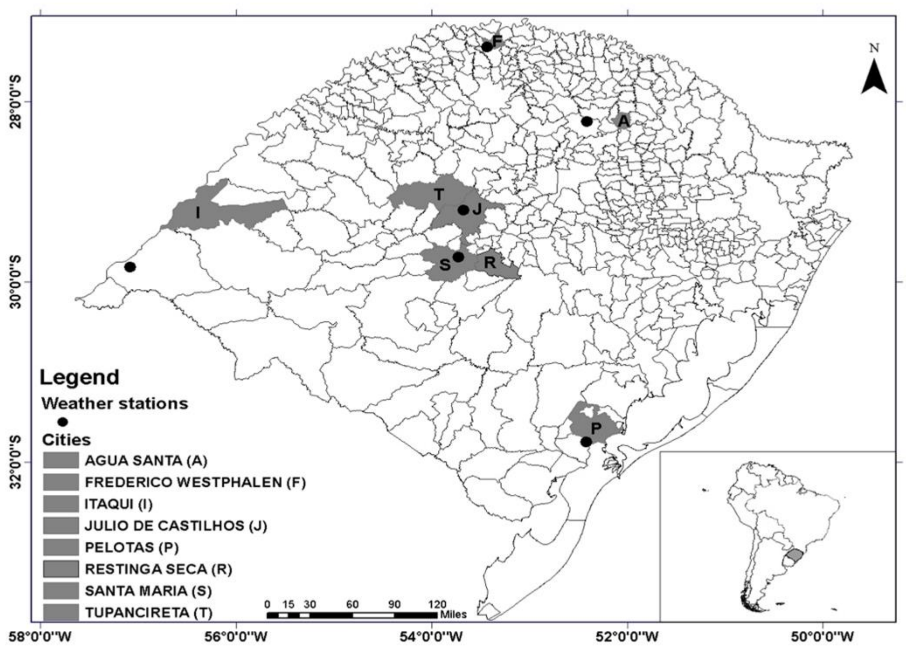


Figure 1: Map of the State of Rio grande do Sul (RS), Brazil. Grey polygons indicates the cities under the field experiments were conducted. Solid circles indicates the weather stations used in simulations (the closest weather station with available data).

The field experiments were conducted and managed following recommended practices for soybean in southern Brazil. Briefly, seeds were inoculated, nutrients were applied according to soil tests for maximum yields. Weeds, pathogens and insect pests were controlled to keep the experiments free of biotic stresses. A total of 21 experiments were conducted (Table 1) during four growing seasons (from 2010/2011 to 2013/2014). The experimental design was a complete randomized block, with four replications. The frequency of field measurements and visual observations (phenological observations, node number, the planting dates and the information about the irrigation regimes) used in each experiment are shown in Table 1.

Table 1: Experiments with soybean conducted during four growing seasons (2010/2011, 2011/2012, 2012/2013 e 2013/2014) at eight locations in the state of Rio Grande do Sul, Brazil.

Experiment	Crop season	Location	Sowing date	Irrigation (mm)	Measurement frequency[1]
1	2010/11	Santa Maria	12/10/2010	NM	Daily
2	2010/11	Santa Maria	01/08/2011	NM	Daily
3	2011/12	Santa Maria	09/24/2011	193	Daily
4	2011/12	Santa Maria	11/19/2011	130	Daily
5	2011/12	Santa Maria	01/28/2012	30	Daily
6	2012/13	Santa Maria	09/22/2012	75	Daily
7	2012/13	Santa Maria	11/03/2012	90	Daily
8	2012/13	Santa Maria	12/02/2012	90	Every other day
9	2012/13	Santa Maria	02/06/2013	70	Every other day
10	2013/14	Santa Maria	09/27/2013	86.3	Every other day
11	2013/14	Santa Maria	11/15/2013	110	Every other day
12	2013/14	Santa Maria	02/19/2014	12	Every other day
13	2013/14	Júlio de Castilhos	11/18/2013	N	Twice a week
14	2013/14	Frederico	11/23/2013	N	Twice a week
15	2012/13	Pelotas	11/09/2012	N	Three/week
16	2013/14	Restinga Seca	11/15/2013	N	Twice a week
17	2013/14	Itaqui	10/16/2013	N	Twice a week
18	2013/14	Itaqui	11/24/2013	N	Twice a week
19	2013/14	Itaqui	12/11/2013	N	Twice a week
20	2013/14	Água Santa	12/03/2013	N	Each 10 days
21	2013/14	Tupanciretã	11/17/2013	N	Once a week

1 - Frequency of phenological measurements (R1, R3, R5 and R7); NM – Irrigated but not measured. N - Experiments conducted under rainfed conditions. In the experiments 1 and 2 plants were manually irrigated with a hose but the amount of irrigated water was not computed and not used in the simulations.

The experiments (irrigated conditions) were irrigated using a drip irrigation system and the amount of irrigated water was computed and used as an input in the model simulations. Each replication was a plot with 15 rows, each row with 3 meters long and 0.45 meters among rows (density of 30 plants.m^{-2}). The number of sampled plants varied from 1 to 30 plants, depending upon the experiment and the variable (Table 2).

Table 2: Number of samples used for final leaf number (LN), canopy height (CH), per grain dry mass (PG), grain number per m^2 (GN), leaf area index (LAI) and yield (Yi).

Experiment	LN	CH	PG	GN	LAI	Yi
1	19	20	-	-	-	-
2	15	15	-	-	-	-
3	17	18	20	-	-	-
4	19	20	19	-	-	-
5	19	20	20	-	-	-
6	18	20	20	-	-	-
7	18	20	17	-	-	-
8	19	20	20	-	-	-
9	19	20	20	-	-	-
10	16	10	3	3	4	3
11	16	16	4	4	4	4
12	17	20	4	4	4	4
13	21	30	3	3	3	3
14	19	18	4	4	-	4
15	12	11	4	4	4	4
16	10	20	1	1	3	1
17	20	20	4	4	4	4
18	19	19	4	4	4	4
19	20	20	4	4	-	4
20	4	20	1	1	3	1
21	10	20	1	1	3	1

In order to expose the crop model to a wider range of environmental conditions as possible, several experiments were sown outside the recommended sowing period (before and after) which is from mid-October to mid-December, with the best sowing period being from mid-October to mid-November. Sowing dates before October and after December are very early and very late, respectively. Most of cultivars that are grown in the state are in maturity groups V to VII. The cultivar NA5909 RG (maturity group-VI) was selected because it has been one of the most cultivated soybean cultivar across the State during the past four years (2011-2014).

The phenological stages were measured using the scale described by Fehr and Caviness (1977). There are four main developmental stages used in the CROPGRO-Soybean model as follows: R1 (beginning bloom: plants have at least one open flower at any node), R3 (beginning pod: pods are 5 mm long at one of four uppermost nodes of the main stem), R5 (beginning seed: 33 mm-long seed in the pod at one of the four uppermost nodes of the main stem), R7 (beginning maturity: one normal pod at the main stem attains its mature pod color).

To take advantage of the large number of measurements and to discover how much variability the model is capable of reproducing, all of the observations listed in Table 2 were used, rather than the average values. Therefore, the error was calculated, using the simulated value against each one of the variable observation.

2.2 Climate and soil data

Rio Grande do Sul is the southernmost state of Brazil, with an area of 281,748 km^2. According to the Köppen system (Köppen, 1931), the climate in this region is classified as subtropical and temperate (Cfa and Cfb), with rain well distributed throughout the year and a mean annual rainfall varying between 1,000 and 2,200 mm (Becker et al., 2012). There are twelve different classes of soils across the state, varying from very deep soils (more than 4.50 m) to shallow soils (less than 1 m) (Streck et al., 2008).

2.2.1 Climate data

Weather data for the experiments conducted in Santa Maria, Pelotas, Julio de Castilhos and Frederico Westphalen were from automatic weather stations located 100 - 150 meters from the trials. For the other locations, weather data were from the closest available automatic weather stations: 15 km from Tupanciretã, 15 km from Restinga Seca, 40 km from Água Santa and 90 km from Itaqui.

Daily data of solar radiation (SRad), maximum and minimum air temperature (Tmax and Tmin) and precipitation (Accum Precip) were used. For the experiments conducted in Tupanciretã and Restinga Seca, the precipitation dataset from the weather stations, were replaced by the recorded precipitation data measured in the fields by local farmers. The weather information used in each of the 21 experiments are summarized as the average cropping season values in Table 3.

Table 3: Mean of meteorological conditions (SRad = solar radiation, TMax = maximum temperature, TMin = minimum temperature and Accum Precip = accumulated precipitation). Values are shown for 21 independent experiments were conducted across the State of Rio Grande do Sul.

Weather station (crop season)	SRad (MJ/m^2)	Tmax (°C)	Tmin (°C)	Accum Precip (mm)	Experiments
Santa Maria (10/11)	20.6	29.4	18.6	568	1
Santa Maria (10/11)	18.3	28.3	17.6	527	2
Santa Maria (11/12)	22.1	29.8	17.4	619	3
Santa Maria (11/12)	21.8	30.9	18.0	467	4
Santa Maria (11/12)	17.0	28.3	15.7	439	5
Santa Maria (12/13)	20.5	28.5	17.4	1096	6
Santa Maria (12/13)	20.8	29.1	17.9	942	7
Santa Maria (12/13)	19.7	28.4	17.4	935	8
Santa Maria (12/13)	13.8	24.7	14.0	564	9
Santa Maria (13/14)	22.1	28.2	16.2	787	10
Santa Maria (13/14)	21.7	28.6	16.8	778	11
Santa Maria (13/14)	11.7	22.7	13.4	1034	12
Julio de Castilhos (13/14)	21.7	30.5	17.1	598	13
Frederico Westphalen (13/14)	22.1	30.0	18.6	758	14
Pelotas (12/13)	20.3	28.2	17.6	628	15
Restinga Seca (13/14)	21.8	28.6	16.8	662	16
Uruguaiana (13/14)	24.1	30.6	18.7	1002	17
Uruguaiana (13/14)	22.9	30.8	19.1	694	18
Uruguaiana (13/14)	22.1	30.5	18.8	560	19
Passo Fundo (13/14)	21.1	28.4	16.9	830	20
Julio de Castilhos (13/14)	21.7	30.5	17.0	831	21

2.2.2 Soil data

In the beginning of the soybean project (10/11), the team did not know about the CROPGRO-soybean model soil information requirements (deeper layers), then, the soil physical analysis were sampled only from 0 to 20 centimeters depth. So, the deeper soil layers information were obtained from a survey of natural resources conducted throughout the country in 1986 by the RADAMBrasil project (http://docslide.com.br/documents/projeto-radambrasil-v33.html).

After merging the texture class of each layer obtained through *in situ* soil analysis with the survey data from the RADAMBrasil project, the Saxton method (Saxton et al., 1986) was used to calculate the saturated hydraulic conductivity, saturation point, and bulk density. This method estimates soil hydraulic parameters based on texture class according to the percentage content of clay and sand in each layer (Romero et al., 2012). Field capacity and permanent wilting points were calculated by using pedotransfer funcions with specific coefficients for soils in Rio Grande do Sul State, given by Reichert et al. (2009). Summary information for the soils of the experimental sites is in Table 4.

Table 4: Overview of the soils properties in the 8 experimental sites of this study.

City	Brazillian Soil Classification	FAO Soil Classification	Soil Texture	Soil Depth (cm)	OM (%)	SLPF***
Santa Maria	Podzolico	Carbic podzols	Loam	120	1.9	0.97
Restinga Seca	Podzolico	Carbic podzols	Loam	115	2.4	0.97
Tupancireta	Latossolo	Xantic ferralsols	Clay	300	2.5	0.96
Frederico	Latossolo	Xantic ferralsols	Clay	530	1.6	0.98
Agua Santa	Latossolo	Xantic ferralsols	Clay	380	3.0	0.98
Julio Castilhos	Latossolo	Xantic ferralsols	Sandy	300	2.9	0.98
Itaqui	Cambissolo	Umbric	Silt	65	1.6	0.85
Pelotas	Planossolo	Sodic planossols	Loam	110	0.5	0.94

* Texture based on the whole soil profile. ** Organic matter measured in the firsts 10 centimeters of soil. ***Generic soil fertility parameter.

2.3 Cross-validation experiment design

According to Thorp et al. (2007), the ability of the model to simulate yields improves as the number of growing seasons used for model optimization increases. It was thus decided to use all the observed values in order to better compare the simulated values with all the observed variability in the field. The leave-one-out (LOO) cross-validation method (Efron and Gong, 1983; Efron and Tibshirani, 1998, Baigorria et al., 2010) is a statistical procedure that allows us to include as many seasons of information as possible. In this study, the cross-validation method was used to estimate the ecotype and specific genetic coefficients of cultivar NA 5909 RG.

The calibration procedure was carried out by first calibrating the ecotype coefficients. Ecotype coefficients are the coefficients located in the *.eco and *.spe files, and represent parameters of a group of soybean varieties. The coefficients that were modified in the *.eco file were PL-EM (Time between planting and emergence - in thermal days) and FL-VS (Time from first flower to last leaf on main stem in photothermal-days). The default values were 3.6 thermal days and 12 photothermal days for PL-EM and LF-VS, respectively. These values were changed in order to increase the emergence and final leaf number accuracy during the simulations.

The CROPGRO-soybean model use different base and Optimum temperatures for vegetative, early reproductive and late reproductive phases. These values following Grimm et al., (1993, 1994), and the default values were 7, 28, 35 (vegetative), 6, 26, 30 (early reproductive) and -48, 26, 34, for base (Tb), optimum 1 (TOpt1) and optimum 2 (TOpt2) temperatures, respectively. Then, in order to improve the model responses to early and late sowing dates, inside the *.spe file, the cardinal temperatures (base and optimum temperatures) in 0.1 ^{o}C up and down steps. These temperatures were modified, because the model underestimates and overestimates the vegetative durations of early and late sowing dates, respectively.

To estimate the cardinal temperatures 15 experiments were selected, because they were the ones that had more than one planting date in the same growing season. These 15 experiments also were used to estimate the CSDL (critical short day length) and PPSEN (Slope of the relative response of development to photoperiod with time) genetic coefficients, that locates inside the specific cultivar coefficients *.CUL file. These coefficients represent each soybean variety in terms of development and growth coefficients. The CSDL and PPSEN coefficients affect mainly the flowering and maturity simulations dates, respectively. These coefficients were changed using 0.1 and 0.01 up and down steps for CSDL and PPSEN, respectively.

Then, after the calibration procedure calibrate the emergence simulations (PL-EM) using all the 21 experiments, the specific genetic coefficients (*CUL file) that simulates development and the growth simulations started to be calibrated (Table 5) at 0.1 step increase and decrease from the default value for each coefficient. The range of tested values for each genetic coefficient are shown in Table 5.

Table 5: Ecotype, development and growth genetic coefficients were that changed during calibration/validation procedure and their respective ranges.

Coefficients	**Description**	**Range tested**	
	Ecotype coefficients		
PL-EM	Time between sowing date and plant emergence V0 (thermal days)	2.0	5.0
Tb	Base temperature below which no development occurs (Tb1-vegetative development (VD), Tb2-early reproductive (RD)).	5	11
TOpt1 (VD)	First optimum temperature at which maximum development rate occurs.	25	31
TOpt1(RD)	First optimum temperature at which maximum development rate occurs.	25	29
FL-VS	Time from first flower to last leaf on main stem (photothermal days)	8.0	29

	Development genetic coefficients		
CSDL	Critical Short Day Length below which reproductive development progresses with no daylength effect (for short day plants) (h)	12.0	13.0
PPSEN	Slope of the relative response of development to photoperiod with time (positive for short day plants) ($1.h^{-1}$)	0.30	0.33
EM-FL	Time between plant emergence and flower appearance (R1) (photothermal days)	22.0	25.0
FL-SH	Time between first flower and first pod (R3) (photothermal days)	3.5	5.5
FL-SD	Time between first flower and first seed (R5) (photothermal days)	10.5	13.0
SD-PM	Time between first seed (R5) and physiological maturity (R7) (photothermal days)	32.0	35.0
FL-LF	Time between first flower (R1) and end of leaf expansion (photothermal days)	8.0	29.0
	Growth genetic coefficients		
LFMAX	Maximum leaf photosynthesis rate at 30 ^oC, 350 vpm CO_2, and high light (mg $CO_2.m^{-2}.s^{-1}$).	0.95	1.09
SLAVR	Specific leaf area of cultivar under standard growth conditions ($cm^2.g^{-1}$)	290	400
SIZELF	Maximum size of full leaf (three leaflets) (cm^2)	150	250
XFRT	Maximum fraction of daily growth that is partitioned to seed + shell	0.50	1.00
WTPSD	Maximum weight per seed (g)	0.10	0.22

The cross-validation leave-one-out (LOO) method consisted in leaving out one of the 21 experiments on each calibration (*i.e.*, 21 calibrations were performed for each coefficient using the data from only 20 experiments (m-1) at a time). This approach assured independent data sets for validating each calibration until the lowest Root Mean Square Error (RMSE; Janssen and Heuberger, 1995) was found. The RMSE at each calibration was calculated using the following equations.

$$RMSE_{\bar{x}} = m^{-1} \sum_i \sqrt{\frac{\sum_j (O_{ij} - S_i)^2}{n}} \quad (1)$$

$$RMSE_T = \sqrt{\frac{\sum_i \sum_j (O_{ij} - S_i)^2}{n\,m}} \quad (2)$$

Where $RMSE_{\acute{x}}$ is the average root mean square error across all the experiments, and $RMSE_T$ is the total RMSE, which considers each individual observation. O is the observed and S is the simulated value in each experiment *i*, *j* is each sample inside the experiment *i*, *n* is the number of observations in each experiment, and *m* is the number of experiments.

At the end of the procedure, a total of *m* sets of coefficients and errors were calculated. Then, the coefficient value with the highest frequency (mode) among the computed *m* values was retained and the calibration went to the next genetic coefficient. The procedure was repeated for all development and growth genetic coefficients described in Table 5 until all the coefficients were calibrated.

The results using the cross validation approach were compared to the results with the classical approach for calibrating the genetic coefficients of the CROPGRO-soybean model (Garrison et al., 1999; Zhao et al., 2000; Bakhsh et al., 2001). The classical calibration/validation procedure was conducted by using three datasets (experiment 10, 11 and 12), and the remaining 18 experiments (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 and 21), for calibration and validation, respectively. These experiments were selected because they represent a wide range of sowing dates inside the same crop season (very early, optimum and very late sowing dates).

3. RESULTS AND DISCUSSION

3.1 CROPGRO-soybean genetic Coefficients

In order to increase the accuracy of very early and late sowing dates simulations, the default values were changed for the estimated values that showed the lowest RRMSE's. The estimated new values were 10°C, 8°C, 29°C and 28°C, for vegetative and early reproductive base (Tb1 and Tb2) and optimum temperatures (TOpt1 and TOpt2), respectively. The genetic coefficients (Table 5) for cultivar NA 5909 RG values estimated through calibration/validation procedure for CSDL and PPSEN were 12.71 hours and 0.310 $hour^{-1}$, respectively.

The ecotype coefficient PL-EM and the cultivar specific development and growth genetic coefficients are shown in Table 6. The estimated development genetic coefficient FL-LF was 26 photothermal days. The estimated growth genetic coefficients were 1.000 $mg.CO_2/m^2.s$, 355 cm^2/g, 220 cm^2 and 0.17 g for LFMAX, SLAVR, SIZELF and WPSD, respectively.

Table 6: Development genetic coefficients estimated through cross-validation calibration/validation procedure and the respective root mean square error's obtained for each one of the 21 validations.

	PL-EM	EM-FL	FL-SH	FL-SD	SD-PM
Estimated	3.4	23.4	5.0	11.6	34.1
Experiment	Emergence	Average RMSE's (days).			
		R1	R3	R5	R7
1	0.975	4.135	4.135	6.321	6.021
2	1.162	4.207	4.105	6.321	6.281
3	1.162	4.231	4.062	6.181	6.281
4	1.095	4.177	3.854	6.181	6.423
5	1.162	4.231	4.159	6.321	6.325
6	1.183	4.177	3.854	5.362	6.419
7	1.183	3.931	4.105	6.289	6.325
8	1.183	4.231	4.153	6.325	6.325
9	1.183	4.231	4.153	6.289	6.325
10	1.095	4.225	4.159	6.225	6.021
11	1.162	4.225	4.105	6.128	6.423
12	1.162	3.931	3.354	5.000	6.099
13	1.162	4.080	4.153	6.321	6.168

14	1.162	4.080	4.105	6.261	6.281
15	1.162	4.231	4.062	6.261	6.281
16	1.183	4.207	4.153	6.128	6.325
17	1.162	4.231	4.153	6.181	6.325
18	1.183	3.722	4.105	6.321	6.021
19	1.162	3.931	4.105	6.325	6.229
20	1.162	4.231	4.062	6.325	6.423
21	1.183	4.012	4.062	6.325	6.281

In general, the emergence, R1, R3, R5 and R7 RMSEs varied from 0.975 to 1.183 days (average of 6 DAS (Days After Sowing)), 3.722 to 4.231 days (average of 52 DAS), 3.354 to 4.159 days (average of 64 DAS), 5.000 to 6.325 days (average of 77) and 6.021 to 6.234 (average 124 DAS), respectively. Considering the wide variability of sowing dates, the simulations showed reasonable agreement between the observed and simulated values (correlation r of 0.73, 0.87, 0.89, 0.85 and 0.87) for emergence, R1, R3, R5 and R7, respectively. Pedersen et. al. (2004), using a sowing date range that comprising only one month (May) in the South and middle of Wiscosin State, U.S., found 2.9 and 2.5 days for emergence and R1 RMSEs, respectively. Mercau et. al. (2007), using sowing dates from October 1 to January 10, in Argentine Pampas (near from RS), found 7, 9 and 10 days for R1, R5 and R7 RMSEs, respectively. Then, even considering a wider sowing date range, the results obtained in this study, showed higher accuracy than in other studies. For the growth parameters, several experiments did not have all the observed data. The RMSEs calculated during the growth coefficients calibration are shown in Table 7.

Table 7: Calculated $RMSE_{\bar{x}}$ ($\bar{x}$) and $RMSE_T$ (T) by using the cross -validation method in all experiments

	Leaf Number		LAI Index		Canopy height (m)		One grain (g)		Grain number (gains.m^{-2})		Yield (kg.ha^{-1})	
EXP	$\bar{x}$	T	$\bar{x}$	T	$\bar{x}$	T	$\bar{x}$	T	$\bar{x}$	T	$\bar{x}$	T
1	2.55	3.33	N	N	0.23	0.26	N	N	N	N	N	N
2	2.54	3.30	N	N	0.24	0.26	N	N	N	N	N	N

3	2.62	3.36	N	N	0.23	0.26	0.03	0.04	N	N	N	N
4	2.60	3.36	N	N	0.24	0.26	0.03	0.04	N	N	N	N
5	2.62	3.38	N	N	0.24	0.26	0.03	0.04	N	N	N	N
6	2.61	3.33	N	N	0.22	0.25	0.03	0.04	N	N	N	N
7	2.58	3.34	N	N	0.22	0.25	0.03	0.04	N	N	N	N
8	2.62	3.35	N	N	0.23	0.26	0.03	0.04	N	N	N	N
9	2.61	3.37	N	N	0.24	0.26	0.03	0.04	N	N	N	N
10	2.48	3.26	1.34	1.56	0.22	0.24	0.03	0.04	272	372	375	461
11	2.58	3.35	1.29	1.67	0.22	0.25	0.03	0.04	340	514	424	557
12	2.55	3.33	1.36	1.71	0.24	0.26	0.03	0.04	345	522	426	555
13	2.60	3.36	1.26	1.63	0.23	0.26	0.03	0.04	361	528	463	591
14	2.56	3.34	N	N	0.23	0.26	0.03	0.04	369	531	433	568
15	2.55	3.33	1.09	1.30	0.23	0.26	0.03	0.04	314	469	434	567
16	2.61	3.31	1.27	1.64	0.23	0.26	0.03	0.04	373	515	468	578
17	2.44	3.19	1.35	1.70	0.23	0.25	0.03	0.04	345	527	477	607
18	2.40	3.11	1.32	1.69	0.23	0.26	0.03	0.04	373	541	468	603
19	2.24	2.57	N	N	0.23	0.25	0.03	0.04	371	541	474	602
20	2.49	3.28	1.30	1.66	0.24	0.26	0.02	0.03	367	514	481	579
21	2.50	3.28	1.20	1.57	0.24	0.26	0.03	0.04	343	510	445	573

The observed final leaf number varied among experiments and so did the model (Figure 2) with an average RMSE of 2.5 leaves and a correlation of 0.85 between the average observed and simulated leaf number. Which means that despite some poor performances (experiment 10 and 12), the model showed good ability to simulate the final leaf number variability among the experiments.

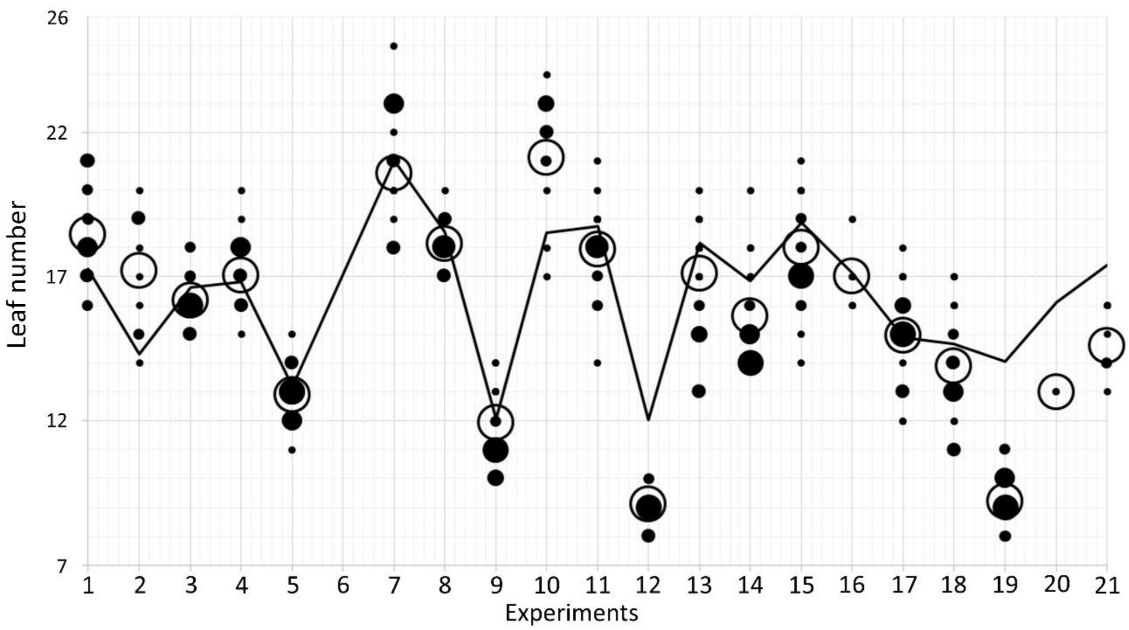


Figure 2: Simulated (line) and observed (dots) final leaf number in the main stem on each experiment. Dot size varies according to the number of observations. Hollow circles indicates the observed average.

Despite mimicking the trend in the experiments 1 and 2, the model clearly underestimated the final leaf number. These errors could be partly explained, by the fact that the model was run for rainfed conditions (the model simulated water stress, which decreased the final leaf number). The experiment was irrigated a few times, but the amounts were not measured (Table 1), which did not allow to input the irrigated water into de model simulations.

The simulated R1, R3 and R5 stage in the experiment 10 were very closer to the observed values, which means that the model reproduced well the vegetative and reproductive development. The simulated and average observed final leaf number were 18 and 21 leaves, respectively. However, Martins et al. (2011), using 15 soybean cultivars (three sowing dates: beginning of November, December and January) in Santa Maria (RS) Brazil, found a decrease of final leaf number with delay in sowing dates. The average cultivars final node number and plastochron were

22, 18 and 14 nodes and 59, 51 and 50 C°.node^{-1} for first, second and third sowing dates, respectively.

In order to found the final leaf number underestimation cause in the experiment 10, the leaf appearance equation was checked. According this equation, the same rate of appearance of leaves per thermal day (TRIFL) was used for all the 21 experiments. Then, the low observed air temperatures in the beginning of the spring simulated a lower final leaf number in the experiment 10. This effect was enhanced by water stress occurred before the irrigation system was ready (Figure 3). On the other hand, the model overestimated the experiment 12 final leaf number, which is a too late sowing date (February 19). According the simulation daily results, there was not water stress in this experiment (Figure 3).

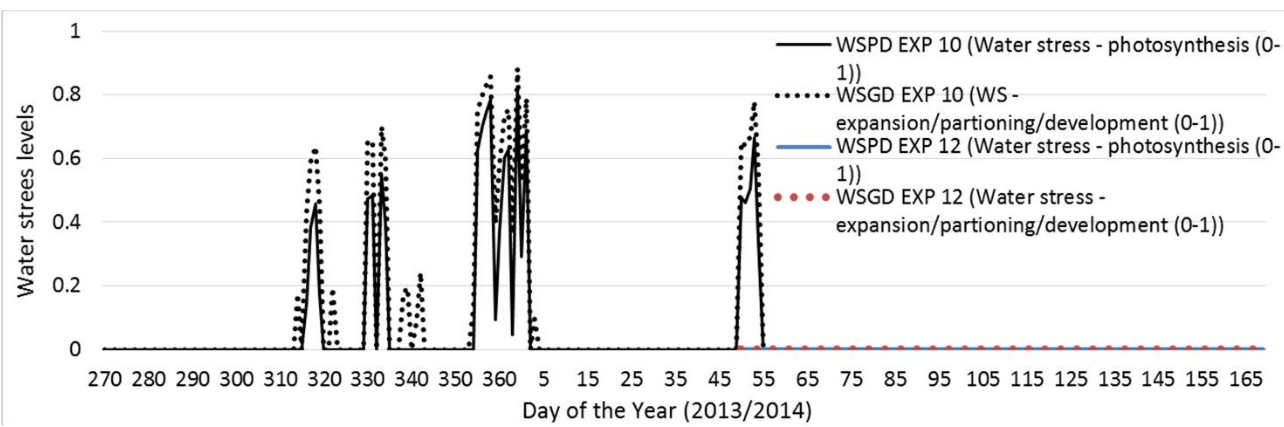


Figure 3: Simulated daily water stress during the experiment 10 period in the field.

However, the same leaf appearance rate was used and the higher February temperatures increased the simulated final leaf number. This effect was enhanced by an increase in simulated phenological stages duration, the model simulated the R1, R3 and R5 stages with 7, 12 and 17 days longer than the observed, respectively.

Curiously, in the experiment 9 (an also late sowing date) sown on February 6, the solar radiation and temperature were lower (14.6°C ;13.4 MJ m^{-2}) than during normal planting dates (22.5°C and 18.3 MJ m^{-2}). The opposite pattern occurred with precipitation (529 mm versus 737 mm); however, the model still simulated the same number of leaves of the experiment 12. Additionally, the model showed a delay of five and six days for the R1 and R3 stages, respectively, which lengthened the vegetative and early reproductive phases and consequently lengthened the simulated leaf appearance period.

The Itaqui region (the most West experiments 17, 18, and 19) is and outside soybean agro-climatic zoning system (MAPA), and farmers in this region grow soybeans mainly to reduce weeds, control pest problems and increase soil fertility in rice cropping systems. The model had difficult to reproducing the leaf number for the late sowing (December sowing). The model estimate delayed R1 by seven days and allowed the plant to develop more leaves than observed. Moreover, the weather station is located 100 kilometers away from the experimental site, which could have added uncertainty. So, despite to show a good variability agreement in almost all the experiments, the model showed a low performance to correct represent the early and late sowing dates final leaf number variability (experiment 10, 12 and 19). Finally, the simulated leaf numbers for experiments 20 and 21 were higher than observed, which could be attributed to weather data taken from a weather station located far from the experimental sites. Additionally, the site for experiment 20 is the farthest, decreasing the observation frequency (10 days) and unfortunately the R1, R5, and R7 dates were missed.

The leaf area index (LAI) was the second growth parameter to be calibrated, and the model showed an LAI average RMSE and correlation of 1.28 and 0.78 (Figure 4). The large LAI difference in experiment 15 is explained by a caterpillar attack observed during the grain filling stage.

The same effect observed in Figure 3 is shown in Figure 4 after cross-validation was applied, and there were model simulations underestimations in LAI and FLN in the experiment 10. The only exception occurred with experiment 15 due to the difference between the observed and simulated LAI. When experiment 15 was removed from consideration, the RMSE significantly dropped to 1.09 (Table 7). For comparison, with independent datasets in central Missouri, the CROPGRO-soybean model simulated LAI with an overall RMSE of 1.07 (Wang et al., 2003).

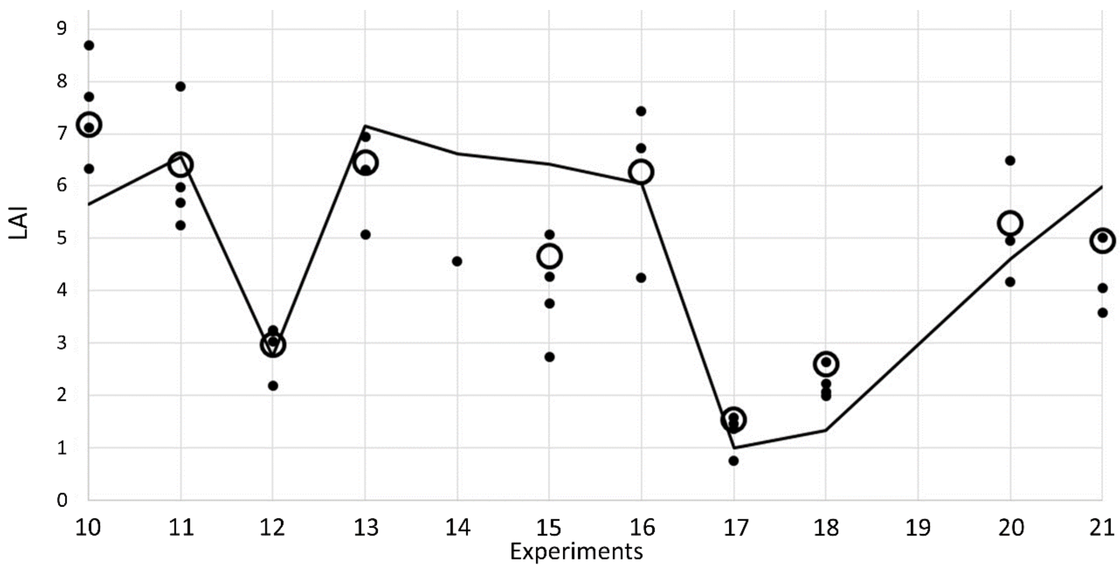


Figure 4: Simulated (line) and observed (small dots) LAI on each experiment. Empty circles= average observed LAI.

The calculated averaged RMSEs for the simulated canopy height and one-grain dry mass values ranged from 20 to 22 centimeters and from 20 to 30 milligrams, respectively, showing a very similar behavior in all the cross-validation results.

The RMSE for grain number varied from 272 to 373 grains.m^{-2} and for yield, the variation was from 375 to 481 kg.ha^{-1} (Table 7). These results were very reasonable if compared with the ones found by Setiyono et al., (2010b) (RMSEs of 625 grains.m^{-2} and 460 kg.ha^{-1}).

These results suggest that the errors were reasonably distributed over the 11 experiments (Figure 5). According to Table 7, $RMSE_T$ was always higher than $RMSE_{\bar{x}}$ indicating that by giving the same value to all of the observations in each experiment, the $RMSE_T$ was more exposed to the observed variability than the $RMSE_{\bar{x}}$.

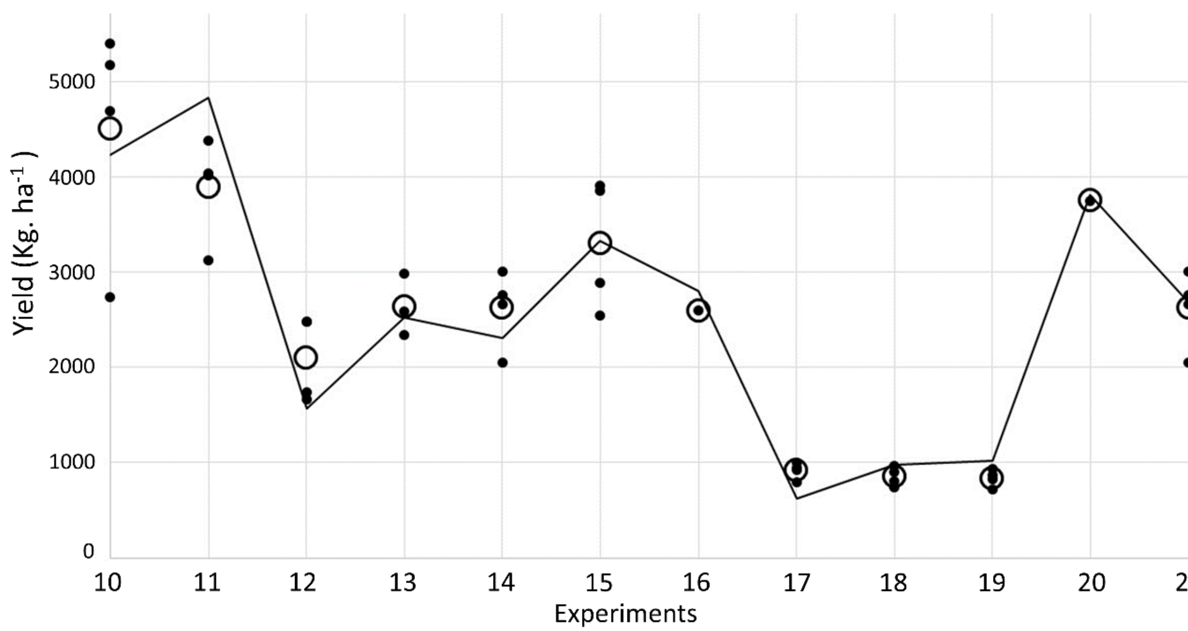


Figure 5: Simulated (line) and observed (small dots: replication samples; empty circles: observed average grain yield) grain yield on each experiment.

Finally, a comparison between the classical and the cross-validation calibration/validation approach showed significant improvements in most part of the parameters. The phenological average RMSE decreased from 2.6, 4.6, 4.8, 7.3 and 10.2 days using the classical calibration to 1.1, 4.1, 4.1, 6.2 and 6.3 days using the cross-validation for EM-FL, FL-SH, FL-SD and SD-PM stages, respectively. The increase in simulations precision can improve the efficiency of decision making of the crop/farm management, with a better accurate phenological and grain yield estimative.

In the growth parameters, the cross validation method also improved the average RMSE from 1.40, 0.29, 677 and 551 to 1.30, 0.39 grams, 347 and 447 for LAI, grams (one grain dry mass), grains.m^{-2} and kg.ha^{-1}, respectively. On the other hand, the cross validation worsened the average RMSE from 2.1 and 0.21 to 2.5 leaves and 0.23 meters for final leaf number and canopy height, respectively.

It is also important to highlight that alterations in the sowing date could greatly change the relationship of any given variety to average conditions (Irmak et. al. 2000). Thus, the performance of CROPGRO-soybean could be further improved, as the early and late sowing dates were primarily responsible for the differences between observed and simulated phenology stages (DAS).

4. CONCLUSIONS

The coefficients calculated through the cross-validation method generally resulted in a better performance of the model than the classical procedure. Compared to the classical calibration/validation procedure, these optimum coefficients improve the model capabilities to simulating the variability among the different environment conditions. In addition, there were only two parameters that the cross-validation method showed worsts results (final leaf number and canopy height).

The CROPGRO-soybean R7 stage estimation accuracy for example, was improved in four days. Furthermore, there were no significant differences among the optimum genetic coefficients estimated from each one of the 21 cross-validation runs (very low value differences). In other words, there were stability among the estimated ecotype and genetic coefficients across the studied regions of the State in normal sowing season (the variety NA 5909, showed homogeneous behavior even considering a wide range of environment conditions and sowing dates).

It is also important to highlight that the CROPGRO-soybean model provided robust predictions of phenology, biomass and yield components variability considering the wide range of environment conditions and sowing dates. Finally, we can conclude that to improve the ecotype and genetic coefficients estimation, the model performance and the efficiency of experiment number use, the cross-validation LOO method should be used whenever possible.

5. ACKNOWLEDGEMENTS

The authors would like to thank the Capes (Higher Level Personnel Improvement Coordination) from Brazil, for the scholarship. The CNPq (National Council for Scientific and Technological Development) project number 471860/2012-3 for founds that made possible the conduction of the field experiments. To the INMET (National Institute of meteorology) which provided the meteorological data to this study. The research was developed under the auspices of the Robert B. Daugherty Water for Food Institute (WFI). The views expressed in this paper are those of the authors and do not necessarily reflect the views of Capes, CNPq, INMET, WFI or any of its sub-agencies.

6. REFERENCES

APROBIO. 2015. Monthly bulletin of renewable fuel. Ministry of Mines and Energy, Brasilia. June, ed. 89. Available at: http://www.aprobio.com.br/BoletimDCR-n89-junho-2015.pdf

Baigorria, G.A., Chelliah, M., Mo, K.C., Romero, C.C., Jones, J.W., O'Brien, J.J., Higgins, R.W., 2010. Forecasting Cotton Yield in the Southeastern United States using Coupled Global Circulation Models. Agronomy Journal 102, 187–196. doi:10.2134/agronj2009.0201

Becker, E. L. S., Buriol, G. A., Streck, N. A., 2012. Clima e intemperismo na formação dos solos do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Geografia Fisica. 01: 33-46.

Boote, K.J., Jones, J.W., Hoogenboom, G., Pickering, N.B., 1998. The CROPGRO model for grain legumes.In G. Y. Tsuji, G. Y, Hoogenboom, G., Thornton, P. K. (Ed.).Understanding Options for Agricultural Production. Systems Approaches for Sustainable Agricultural Development. Springer Netherlands, Volume 7, pp 99-128.

CONAB., 2013. CONAB-Companhia Nacional de Abastecimento Acompanhamento de safra brasileira: grãos, nono levantamento (2013). Available at: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/15_06_11_09_00_38_boletim_graos_junho_2015.pdf

Efron, B., Gong, G., 1983. A Leisurely Look at the Bootstrap, the Jackknife, and Cross-Validation. The American Statistician 37, 36–48. doi:10.1080/00031305.1983.10483087

Efron, B., Tibshirani, R. J., 1998. An introduction to the Bootstrap. Chapman & Hall/CRC press, Boca Raton, Florida

FAO., 2013. Food outlook: Biannual Report on Global Food Markets. FAO Trade and Markets Division, Rome, Italy. Last accessed June 23rd, 2015. Available at http://www.fao.org/docrep/019/i3473e/i3473e.pdf

Fehr, W.R., Caviness, C.E., 1977. Stages of soybean development. Iowa State University Cooperative Extension Service, Special Report 80

Irmak, A., Jones, J.W., Mavromatis, T., Welch, S.M., Boote, K.J., Wilkerson, G.G., 2000. Evaluating Methods for Simulating Soybean Cultivar Responses Using Cross Validation. Agronomy Journal 92, 1140–1149. doi:10.2134/agronj2000.9261140x

Janssen, P.H.M., Heuberger, P.S.C., 1995. Calibration of process-oriented models. Ecological Modelling 83, 55–66. doi:10.1016/0304-3800(95)00084-9

KÖPPEN, W. Grundriss der klimakunde. Berlin: W. Guyter, 1931. 390p.

Mavromatis, T., Boote, K.J., Jones, J.W., Irmak, A., Shinde, D., Hoogenboom, G., 2001. Developing Genetic Coefficients for Crop Simulation Models with Data from Crop Performance Trials. Crop Science 41, 40–51. doi:10.2135/cropsci2001.41140x

Mavromatis, T., Boote, K.J., Jones, J.W., Wilkerson, G.G., Hoogenboom, G., 2002. Repeatability of Model Genetic Coefficients Derived from Soybean Performance Trials across Different States. Crop Science 42, 76–89. doi:10.2135/cropsci2002.7600

Meotti, G.V., Benin, G., Silva, R.R., Beche, E., Munaro, L.B., 2012. Épocas de semeadura e desempenho agronômico de cultivares de soja. Pesquisa Agropecuária Brasileira 47, 14–21.

Mercau, J. L., J. L. Dardanelli, D. J. Collino, J. M. Andriani, A. Irigoyen and E. H. Satorre, 2007. Predicting on-farm soybean yields in the pampas using CROPGRO-soybean. Field Crops Research. Vol 100. 200-209. doi:10.1016/j.fcr.2006.07.006.

Moreno, J. A., 1961. Rio Grande do Sul climate. Porto Alegre: Agricultural Secretary, 1961, 38 p.

Pedersen, P., K. J. Boote, J. W. Jones and J. G. Lauer, 2004. Modifying the CROPGRO-soybean Model to improve predictions for the upper midwest. Agronomy Journal. Vol. 96: 556-564.

Reichert, J.M., Albuquerque, J.A., Kaiser, D.R., Reinert, D.J., Urach, F.L., Carlesso, R., 2009. Estimation of water retention and availability in soils of Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Ciência do Solo 33, 1547–1560.

Romero, C.C., Hoogenboom, G., Baigorria, G.A., Koo, J., Gijsman, A.J., Wood, S., 2012. Reanalysis of a global soil database for crop and environmental modeling. Environmental Modelling & Software 35, 163–170. doi:10.1016/j.envsoft.2012.02.018

Ropelewski, C.F., Halpert, M.S., 1989. Precipitation Patterns Associated with the High Index Phase of the Southern Oscillation. J. Climate 2, 268–284. doi:10.1175/1520-0442(1989)002<0268:PPAWTH>2.0.CO;2

Saxton, K.E., Rawls, W.J., Romberger, J.S., Papendick, R.I., 1986. Estimating Generalized Soil-water Characteristics from Texture. Soil Science Society of America Journal 50, 1031–1036. doi:10.2136/sssaj1986.03615995005000040039x

Sinclair, T.R., 1986. Water and nitrogen limitations in soybean grain production I. Model development. Field Crops Research 15, 125–141. doi:10.1016/0378-4290(86)90082-1

Streck, E.V., Kampf, N., Dalmolin, R. S. D., Klamt, E., Nascimento, P. C., Schneider, P., Giasson, E., Pinto, L. F. S. 2008. Solos do Rio Grande do Sul. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Emater/RS. 222p.

Thorp, K. R., Batchelor, W. D., Paz, J. O., Kaleita, A. L. and DeJonge, K. C. 2007. Using cross-validation to evaluate CERES-maize yield simulations within a Decision Support System for precision agriculture. Agricultural and Biosystems engineering. Vol 50. P 1467-1479. ISSN 0001-2351

USDA., 2015. World agricultural supply and demand estimates. Available URL: http://www.usda.gov/oce/commodity/wasde/latest.pdf (accessed July 22, 2015)

Wang, F., Fraisse, C., Kitchen, N.., Sudduth, K.., 2003. Site-specific evaluation of the CROPGRO-soybean model on Missouri claypan soils. Agricultural Systems 76, 985–1005. doi:10.1016/S0308-521X(02)00029-X

6 ARTIGO 2

ON THE NUMBER OF EXPERIMENTS REQUIRED TO CALIBRATE A CULTIVAR IN A CROP MODEL: THE CASE OF CROPGRO-soybean.

(Artigo publicado na revista Field Crops Research)

ON THE NUMBER OF EXPERIMENTS REQUIRED TO CALIBRATE A CULTIVAR IN A CROP MODEL: THE CASE OF CROPGRO-soybean.

Cesar A. Fensterseifer[1], Nereu A. Streck[1], Guillermo A. Baigorria[2,3*],
Amit P. Timilsina[2], Alencar J. Zanon[1], Jossana C. Cera[1] and Thiago S. M. da Rocha[1]

[1] Department of Fitotecnia. University of Santa Maria, Santa Maria, RS 97010-530, Brazil
[2] School of Natural Resources. University of Nebraska-Lincoln. Lincoln, NE 68583-0968, USA
[3] Department of Agronomy & Horticulture. University of Nebraska-Lincoln. Lincoln, NE 68583-0968, USA

Abstract

The conventional approach for calibrating/validating a crop model considers few to many experiments. However, few experiments could lead to higher uncertainties and a large number of experiments is too expensive. The objectives of this research were to study the calibration uncertainties and to find out the minimum number of experiment required for a reliable CROPGRO-Soybean model calibration. This study uses 21 field experiments (BMX Potencia RR variety) sown in eight different locations of Southern Brazil between 2010 and 2014. The experiments were grouped in four classes (Individual sowings, season/year per location, experimental site and all data together). The developmental RRMSE (%) decreased from 22.2% to 7.8% in individual sowings to all data together classes, respectively. Use only an individual sowing to calibrate the model, could lead to a RRMSE of 28.4, 48, and 36% for R1, LAI and yield, respectively.

Key words: CROPGRO-soybean, genetic coefficients, uncertainty, cross-validation, optimization

1. INTRODUCTION

Crop models are widely used in agriculture research to extrapolate the performance of genotypes under varying growing conditions. The CROPGRO-soybean is the model in the Decision Support System for Agrotechnology Transfer (DSSAT) system for simulating soybean crop growth and development (Jones et al., 2003). During the last 25 years, soybean area and production in Brazil have increased remarkably with six-fold more production and three times expansion in cultivation area (USDA-FAS, 2015). This expansion in soybean cultivation and its

* Corresponding author. e-mail: eng.cesar-augusto@hotmail.com

contribution to the country economy have drawn government as well as private sector attentions. This expansion increased the economic and competitive pressure, leading to soybean companies to increase their variety release rate and making variety characterization a challenge to the soybean developers. Furthermore, the rapid release of new cultivars makes multi-locations trials a priority compared to multi-years trials to evaluate the performance of the cultivar in multiple climate, management, soil and cropping system (Welch et al., 2002). This task is even more challenging to non-profit organizations like universities, research institutes and independent researchers who intent to test new technologies under diverse environmental conditions as these field evaluations are time-consuming, laborious and expensive.

To cope with this problem, the ability of crop models to test the particular genotypes in various growing conditions without conducting field research are being explored in recent years. However, the reliability of crop models for simulating crop growth and yield under different environments is uncertain. One of the major factors for the success is its calibration process (Ruíz-Nogueira et al., 2001, Xiong et al., 2014), which determines the applicability of model on a larger scale (Angulo et al., 2013). CROPGRO-soybean has been calibrated and evaluated using datasets from one experiment to a combination of many experiments conducted at various locations, years, sowing dates and other management practices (Boote et al., 1997, Irmak, 2001).

Crop growth, development and yield are dependent on growing conditions. Thus, a single experiment can only represent a particular production environment. Therefore, information from one experiment to estimate genetic coefficients and to calibrate an entire model might not be sufficient to simulate crop yield for other environments. Moreover, multiple experiments with a large amount of observed data, usually uses only optimum or near-optimum sowing dates, which also could lead to improper model calibration. The number of samples for each growth and development parameter could also have effect on the reliability of the model.

This study aims to evaluate the uncertainties caused by field experiments during variety calibration and to estimate the optimum number of experiments required for a more reliable calibration and validation of the CROPGRO-Soybean model.

2. DATA AND METHODS

2.1 Field experiment data

The data comprised four growing seasons of field experiment (2010/2011- 2013/2014) conducted at eight different locations in the Rio Grande do Sul (RS) State (Figure 1). The experiments started at Santa Maria in 2010/2011 and gradually replicated to other regions. Each experimental site represent different soybean growing region of the State. Tupancireta and Julio de Castihos rank as the first and the third larger soybean grown area in the state. Agua Santa represents the most soybean productive region. In Itaqui and Pelotas, farmers are growing soybean only to fit in their crop rotations with irrigated rice in lowlands, to reduce weed infestation and improve soil fertility. Frederico Westphalen is located in high frequency drought region, and in this region it is common a shift towards early and late sowing dates. This shifts allows growing two summer crops per year (Zanon et al., 2016). Santa Maria and Restinga Seca are mostly counties with small farming systems. Out of thirteen different soybean varieties, BMX Potencia (Maturity group VI) was chosen for this study. This cultivar was the most planted soybean genotype in the south of Brazil in past three years (2012-2014).

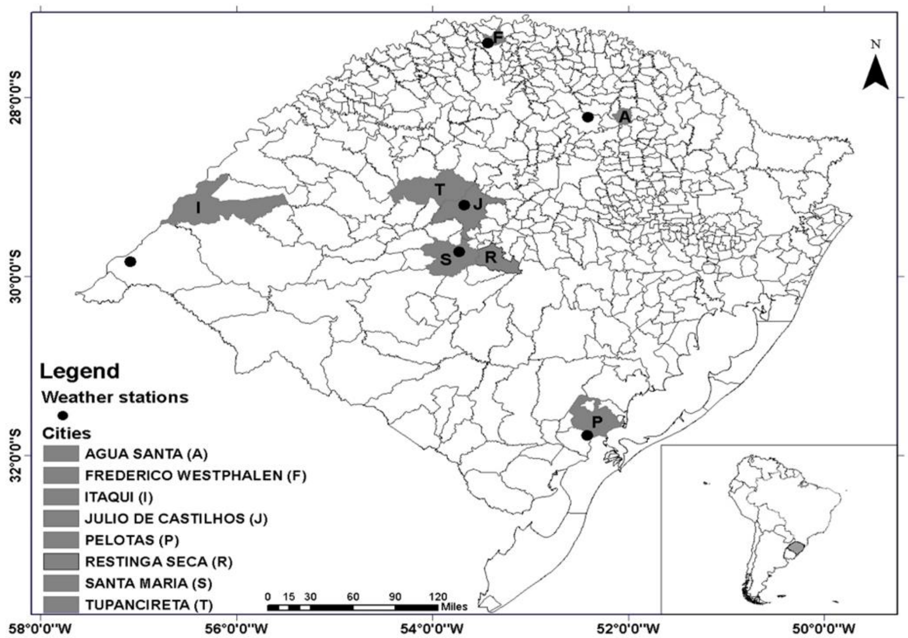


Figure 1: Experimental sites conducted across the Rio Grande do Sul State (Grey polygons) and the closest weather stations were used to each site simulation.

The experimental design was a complete randomized block, with four replications. Each replication was a plot with 15 rows, each row with 3 meters long and 0.45 meters between rows (plant density of 31/m2). The soybean developmental stages R1 (beginning bloom), R3 (beginning pod), R5 (beginning seed) and R7 (beginning maturity) were measured according to the Fehr and Caviness (1977) scale. The final leaf number was obtained when the leaf appearance stopped and the Leaf area index (LAI) was measured twice a month. The canopy height was measured when the plants were ready to be harvested (R8). The number of grains per meter square was counted at the harvest and also a sample with a hundred grains was separated and oven dried at 60 ^{O}C to determine the dry mass of one grain. Finally, the grain yield was obtained on a 13% moisture basis. The detailed information on seasons, locations, sowing dates, irrigation records, measurements interval and observation intervals are in Table 1, Richter et al., 2014 and Zanon et al., 2015 a, b.

Table 1: Experiments with soybean conducted during four growing seasons (2010/2011, 2011/2012, 2012/2013 e 2013/2014) at eight locations in the state of Rio Grande do Sul, Brazil.

Experi ment	Location	Crop season	Sowing date	Sowing time	Irrigation (mm)	Measurement interval[1]
1	Santa Maria	2010/11	12/10/2010	Optimum	N	Daily
2	Santa Maria	2010/11	01/08/2011	Late	N	Daily
3	Santa Maria	2011/12	09/24/2011	Early	193	Daily
4	Santa Maria	2011/12	11/19/2011	Optimum	130	Daily
5	Santa Maria	2011/12	01/28/2012	Late	30	Daily
6	Santa Maria	2012/13	09/22/2012	Early	75	Daily
7	Santa Maria	2012/13	11/03/2012	Optimum	90	Daily
8	Santa Maria	2012/13	12/02/2012	Optimum	90	Alternate day
9	Santa Maria	2012/13	02/06/2013	Late	70	Alternate day
10	Santa Maria	2013/14	09/27/2013	Early	86.3	Alternate day
11	Santa Maria	2013/14	11/15/2013	Optimum	110	Alternate day
12	Santa Maria	2013/14	02/19/2014	Late	12	Alternate day
13	Julio de Castilhos	2013/14	11/18/2013	Optimum	N	Twice a week
14	Frederico	2013/14	11/23/2013	Optimum	N	Twice a week
15	Pelotas	2012/13	11/09/2012	Optimum	N	Three times a week
16	Restinga Seca	2013/14	11/15/2013	Optimum	N	Twice a week
17	Itaqui	2013/14	10/16/2013	Optimum	N	Twice a week
18	Itaqui	2013/14	11/24/2013	Optimum	N	Twice a week
19	Itaqui	2013/14	12/11/2014	Late	N	Twice a week
20	Agua Santa	2013/14	12/03/2013	Optimum	N	Each 10 days
21	Tupancireta	2013/14	11/17/2013	Optimum	N	Once a week

1 Frequency of phenological measurements (R1, R3, R5 and R7);

N – Experiments conducted under rainfed conditions.

2.2 Climate and soil data.

The Rio Grande do Sul lies in southern part of Brazil. The climate is humid subtropical with 86.7 percent with hot summer (Cfa) and 13.3 percent with temperate summer (Cfb) based on Köppen system climate classification (Alvares et al., 2013).

2.2.1 Climate data

The daily weather data for maximum and minimum temperature (TMax and TMin) solar radiation (SRad) and precipitation (Rain) used in this study were collected from National Institute of Meteorology (INPE), Brazilian Agriculture Research Corporation (EMBRAPA) or Foundation of livestock and agriculture research of the State (FEPAGRO). Since all the experimental sites do not have weather stations, especially Agua Santa, Itaqui and tupancireta, most nearest weather stations, Passo Fundo, Uruguaina and Julio de Castihos station weather data has been used, respectively. The details on seasonal weather average prevailed were listed in Table 2.

Table 2: Average of meteorological conditions (Srad = solar radiation, TMax = maximum temperature, TMin = minimum temperature and Total Rain = accumulated precipitation) during the experiments with soybean in the State of Rio Grande do Sul, Brazil.

Weather station	**Experiments**	**SRad (MJ/m^2)**	**TMax (°C)**	**TMin (°C)**	**Total Rain (mm)**
Santa Maria 10/11	1	20.6	29.4	18.6	568
Santa Maria 10/11	2	18.3	28.3	17.6	527
Santa Maria 11/12	3	22.1	29.8	17.4	619
Santa Maria 11/12	4	21.8	30.9	18.0	467
Santa Maria 11/12	5	17.0	28.3	15.7	439
Santa Maria 12/13	6	20.5	28.5	17.4	1096
Santa Maria 12/13	7	20.8	29.1	17.9	942
Santa Maria 12/13	8	19.7	28.4	17.4	935
Santa Maria 12/13	9	13.8	24.7	14.0	564
Santa Maria 13/14	10	22.1	28.2	16.2	787
Santa Maria 13/14	11	21.7	28.6	16.8	778
Santa Maria 13/14	12	11.7	22.7	13.4	1034
Julio de Castilhos	13	21.7	30.5	17.1	598
Frederico Westphalen	14	22.1	30.0	18.6	758
Pelotas	15	20.3	28.2	17.6	628
Restinga Seca	16	21.8	28.6	16.8	662
Uruguaiana	17	24.1	30.6	18.7	1002
Uruguaiana	18	22.9	30.8	19.1	694
Uruguaiana	19	22.1	30.5	18.8	560
Passo Fundo	20	21.1	28.4	16.9	830
Julio de Castilhos	21	21.7	30.5	17.0	831

2.2.2 Soil data

The physical characteristics of upper layer top soil (0-20 cm) were analyzed through soil sampling from all sites. Information from deeper layers were obtained traced from RADAMBrasil (1986) project. Following the Global Reanalysis Soil Database Methods (Romero et al., 2012), the Saxton method (1986) was applied to estimate soil bulk density, saturated hydraulic conductivity and saturation point. Further, for the specific soils of Rio Grande do Sul, Reichert et al. (2009) pedotrasfer functions were used to compute permanent wilting point (PWP) and field capacity (FC). The details on soil were presented on Table 3.

Table 3: Overview of the soils properties found in the 8 experimental sites of this study.

City	Brazillian Classification	FAO Classification	Texture*	Depth (cm)	OM (%)**
Santa Maria	Podzolico	Carbic podzols	Loam	120	1.9
Restinga Seca	Podzolico	Carbic podzols	Loam	115	2.4
Tupancireta	Latossolo	Xantic ferralsols	Clay	300	2.5
Frederico Westphalen	Latossolo	Xantic ferralsols	Clay	530	1.61
Agua Santa	Latossolo	Xantic ferralsols	Clay	380	3.0
Julio Castilhos	Latossolo	Xantic ferralsols	Sandy Clay	300	2.9
Itaqui	Cambissolo	Umbric cambissols	Silt Loam	65	1.6
Pelotas	Planossolo	Sodic planossols	Loam	110	0.48

* Texture based on the whole soil profile.
** Organic matter measured in the firsts 10 centimeters of soil.

2.3 Grouping experiments approach

All together, there were twenty-one different experiments resulted from locations, years and sowing dates combinations used in this study. These experiments were organized into four different groups:

2.3.1 Group 1: Individual sowings →

Each of the twenty-one experiments were used to calibrate the model separately, which means one set of genetic coefficients for each sowing date.

2.3.2 Group 2: season/year per location →

The sowing dates within a growing season conducted at a particular location were aggregated. For instance, for Santa Maria, there were four sowing dates in the year 2012/13, thus all the four sowing dates were used to calibrated the phenological and growth genetic coefficients. There were five different field experiment groups with 2 (experiments 1 and 2), 3 (experiments 3, 4 and 5), 4 (experiments 6, 7, 8 and 9), 3 (experiments 10, 11 and 12) and 3 (experiments 17, 18 and 19) experiments (Table 1).

2.3.3 Group 3: Experimental sites→

All the available experiments within a given location were clustered. This included planting dates and growing seasons. There were two groups in this level of aggregation: group one had 12 experiments (1 to 12 conducted at Santa Maria) and group two had 3 experiments (17 to 19 conducted at Itaqui) (Table 1).

2.3.4 Group 4: All data together →

Temporal integration using different planting dates and seasons, and spatial integration using different locations. All available twenty one experiments were used to calibrate the cultivar.

2.4 CROPGRO-Soybean Model Setting and Calibration/Validation.

The CROPGRO-Soybean (Boote et al., 1998) model on DSSAT 4.5 version is one of the most used model in agriculture research field to simulate soybean growth, development and yield (Hoogenboom et al., 2012, Salmerón et al., 2016). In this research, the model was calibrated/validated following a cross-validation method.

The cross-validation leave-one-out (LOO) method (Efron and Gong, 1983; Efron and Tibshirani, 1998, Baigorria et al., 2010) is a statistical procedure that allows to use as many sets of observed experimental data as possible. This method allowed to calibrate/validate 21 experimental datasets (N) in 21 different repetitions (k) (N = k). In each k repetition, 20 experimental datasets were used to calibrate and the remaining one to validate as an independent dataset. In the end, each repetition k was conducted without an exclusive experimental dataset until all the 21 experiments were left out once. The calibration/validation procedure always started from EM-PL coefficient and kept advancing until the last one was calibrated (following the sequence in Table 4).

Table 4: Development and growth genetic coefficients used in the calibration/validation procedure**.**

Coefficient	Description
	Development genetic coefficients
EM-FL	Time between plant emergence and flower appearance (R1) (photothermal days = PD)
FL-SH	Time between first flower and first pod (R3) (PD)
FS-SD	Time between first flower and first seed (R5) (PD)
SD-PM	Time between first seed (R5) and physiological maturity (R7) (PD)
FL-LF	Time between first flower (R1) and end of leaf expansion (PD)
	Growth genetic coefficients
LFMAX	Maximum leaf photosynthesis rate at 30°C, 350 vpm CO_2, and high light (mg CO_2/ (m^2- s).
SLAVR	Specific leaf area of cultivar under standard growth conditions (cm^2/g)
SIZELF	Maximum size of full leaf (three leaflets) (cm^2)
XFRT	Maximum fraction of daily growth that is partitioned to seed + shell
WTPSD	Maximum weight per seed (g)
PODUR	Time required for cultivar to reach final pod load under optimal conditions (PD)
SFDUR	Seed filling duration for pod cohort at standard growth conditions (PD)

The genetic coefficients were changed manually (trial and error method) by decreasing/increasing the coefficients in a 1 to 10% step depending upon the coefficients. For each k repetition, a set composed by 12 genetic coefficients were determined by minimizing the Relative Root Mean Square Errors (RRMSE):

$$\text{RRMSE}=\left(\frac{\sqrt{\sum\frac{(oin-si)^2}{n}}}{\Theta}\right)*100$$

Where *s* is the simulated and o the observed value in each experiment *i*, *n* is number of measurements in each variable and Ɵ is the average of all observed values. When the calibration/validation procedure was completed, it produced 21 best values for each one of the 12 genetic coefficients, and then, among the 21 values, the most common was considered as the final value of genetic coefficient.

3. RESULTS

The 11 genetic coefficients estimated with the cross-validation procedure in each one of the 29 combinations among locations, years and sowing dates are shown in Figure 2 and 3 as box plots. The are only 11 genetic coefficients in the Figures because the genetic coefficient XFRT was not changed during all calibration/validation. Among the genetic coefficients with units of photothermal days (Figure 2), the Individual sowings group showed the higher variability in most coefficients. This variability indicates different responses of a specific soybean variety under different environmental conditions. The wide range among the calibrated genetic coefficients was due to the large range of sowing dates, varying from September to February.

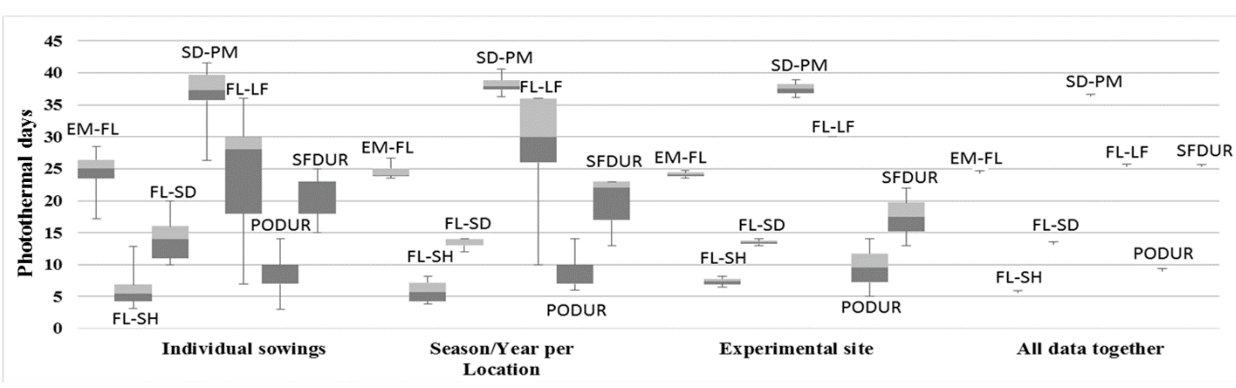


Figure 2: Variability of seven genetic coefficients (described in Table 4: EM-FL, FL-SH, FL-SD, SD-PM, FL-LF, PODUR and SFDUR) of the CROPGRO-soybean model as a function of different groupings of experiments.

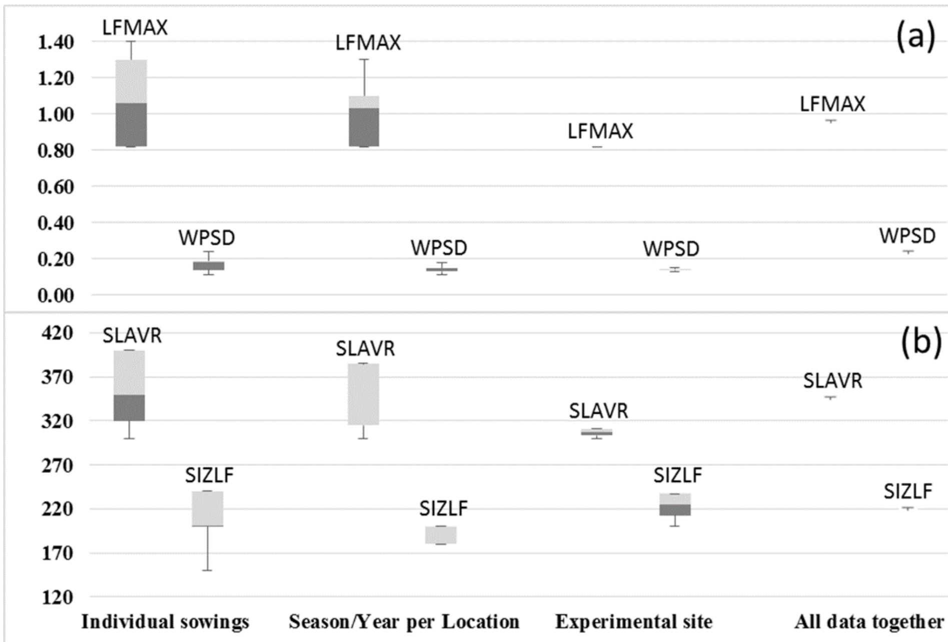


Figure 3: Variability of four genetic coefficients {described in Table 4: LFMAX, WPSD (panel a), and SLAVR and SIZLF (panel b) of the CROPGRO-soybean model as a function of different groupings of experiments.

The genetic coefficients LFMAX, WPSD, SLAVR and SIZLF are presented in Figure 3 because they have different units other than photothermal days. Similarly to trend observed in Figure 2, the Individual sowings group also showed the higher variability in most of coefficients compared to the other groupings, i.e. the range of all growth genetic coefficients also decreased as the aggregation level increased.

The RRMSE calculated in the calibration/validation process using each set of development and growth genetic coefficients were summarized in box plot values on Table 6. As observed in the genetic coefficients variability, the individual sowings group produced the higher range of errors in the simulations. In the phenological stages simulations showed a RRMSE that varied from 4.1% to 28.7%.

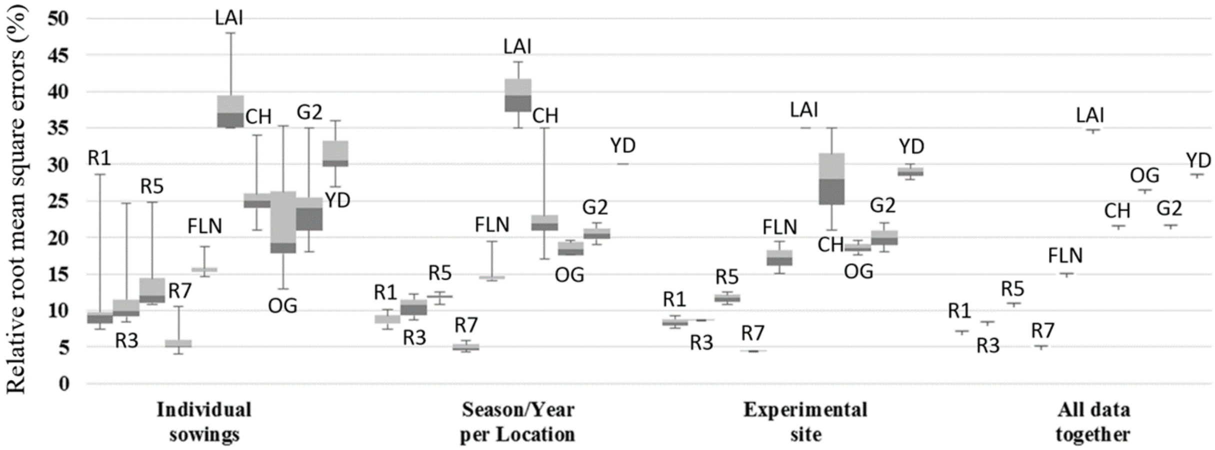


Figure 4: Relative root mean square error (RRMSE %) of developmental stages (R1, R3, R5, R7, and FLN) and growth variables (LAI, Canopy height – C.H., one grain dry mass – O.G., number of grains per meter square – G2, and grain yield – YD) of the CROPGRO-soybean model as a function of different groupings of experiments.

Despite few sets of genetic coefficients in the individual sowings group had the same or slightly lower RRMSE, almost all the datasets showed higher errors (Figure 4). Among all the developmental stages, the highest errors were found when the individual experiments 6 and 12 were used to calibrate the model, indicating model inability to properly simulate the developmental stages for late (February) and early (September) sowing dates, respectively.

The calibration/validation using all the data together class, seemed highly reliable compared to other groups to estimate the phenological stages (Figure 4). This group showed the lowest RRMSE's, with an average developmental stage RRMSE from 4.5% to 10.9, compared to the 8.4 to 22.2%, 8.5 to 10% and 7.9 to 8.8 in Individual sowings, season/year per location, experimental site, respectively. For the final leaf number (FLN), the RRMSE varied from 14.7 to 18.7%, 14.1 to 19.4%, 15.1 to 19.4% and 15% for individual sowings, season/year per location, experimental site and all data together, respectively. The model also showed limitations to simulate the FLN in early (September) and late (February) sowing dates. For example, in the earliest sowing date experiment, the average observed FNF (29 leaves) was 38% higher than the simulated FNF

(21 leaves). On the other hand, in the latest sowing date (February), the average observed FNF (9 leaves) was 44% lower than the simulated value (13 leaves). Usually, the early sown soybean had higher FNF due to a longer vegetative phase, which also contributed to a higher observed LAI.

For the LAI the RRMSE varied from 35 to 48% among the individual sowings. As generally observed in the other variables, the RRMSE also decreased as the grouping level increased, decreasing to 35% when the all data together group was used. These errors can be partly explained by the model inability to correctly simulate the LAI variability (observed and simulated LAI varied from 2.3 to 8.7 and 0.94 to 6.92, respectively). The higher observed LAI occurred in a early sowing dates (8.7), but the higher simulated LAI occurred in the optimum sowing date (6.92).

The relative errors in canopy height varied from 21 to 34%, 17 to 35%, 21 to 35% and 21% for the individual sowings, season/year per location, experimental site and all data together, respectively. The CROPGRO-soybean model usually underestimated canopy height, which could be partly explained by the longer and taller varieties cropped in Brazil, compared to the shorter cycle varieties in the USA, where the model was developed.

In the one-grain dry mass (OG) RRMSEs, the range was from 13 to 35%, 18 to 20%, 18 to 22% and 26% for individual sowings, season/year per location, experimental site and all data together, respectively. These errors were partly explained by the large observed one grain dry mass variability (from 0.11 to 0.24 grams) among all the different sowing dates.

The grain number per meter square (grains.m^{-2}) RRMSE varied from 18 to 35%, 19 to 22%, 18 to 22% and 21% for individual sowings, season/year per location, experimental site and all data together, respectively. The grain yield RRMSE varied from 27 to 36%, 30%, 28 to 30% and 28%

for individual sowings, season/year per location, experimental sites and all data together, respectively.

Considering the phenological stages and the two growth parameters without missing measurements (final leaf number and canopy height), the all data together group showed an average RMSE of 11%. This error was the same found in the individual sowings, season/year per location, and experimental site groups that varied from 11 to 23%, 11 to 14 and 11 to 14%, respectively.

Despite some individual sowings group showed lower RRMSE values than the obtained in other groups, it is important to highlight that this class also showed the highest RMSEs (28.4, 48, and 36% to simulate R1, LAI and grain yield, respectively). Therefore, considering the errors that an individual sowing could lead, it is too risky to use only one experiment to calibrate the CROPGRO-soybean model. Moreover, increasing the grouping level from individual sowings to season/year per location (early, optimum and late sowing dates), decreased the phenology RRMSE range from 4.1 to 28.7% to from 4.4 to 12.6%. If I drew a curve between grouping level and the RRMSE' the resulting curve begins to be asymptotic on season/year per location group. The results of this manuscript are very specific for soybean and not necessary to extrapolated for other crops.

4. DISCUSSION

This study aims to found answers capable to enlarge and facilitate crop model calibration/validation, and to reduce risks, costs and time related to field experiments. Despite crop models have been available for more than 3 decades of existence, developing countries rarely manage to take full advantage of them to improve management decisions. Then, optimizing the minimum number of field experiments to calibrate/validate the models and to take full advantage of the models, will allow better use of available resources increasing the impact on agricultural research.

As found by Thorp et al (2007), in this study as the grouping level increased (from individual sowings to all data together) the average RRMSE's also decreased. In this study, the phenological RRMSE's range decreased from 4.1 to 28.7% to 4.5 to 10.9% from individual sowings and all data together. The model predicted the growth variables with higher RRMSE's (from 15 to 50%) compared to the phenological stages (around 10%).

The optimum number of experiments found in this study was obtained from season/year per location group. The use of three sowing dates (early, optimum and late) allow us to cover the entire soybean sowing window, which will increasing the simulations accuracy under management changes.

5. CONCLUSIONS

The results showed that in general, the use of all data together group to estimate the development and growth coefficients resulted in the lowest RRMSE's among all four groups. However, as the experiment number increased it also increased the costs and time. Then, in order to increase the research resources efficiency, as well as to achieve a reliable cultivar calibration/validation, we can conclude that researchers should use the season/year per location group (three experiments). This strategy will allow modelers to capture the genetic coefficient of a soybean variety under the entire sowing window avoiding the high uncertainties and costs from individual experiment and all data together, respectively.

6. ACKNOWLEDGEMENTS

The authors would like to thank the Higher Level Personnel Improvement Coordination (Capes-Brazil) for the scholarship provided, The National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) project number 471860/2012-3 for funding the field experiments, the National Institute of Meteorology (INMET) which provided the meteorological data. The research was developed under the auspices of the Robert B. Daugherty Water for Food Institute (WFI). The views expressed in this paper are those of the author and do not necessarily reflect the opinions of Capes, CNPq, WFI or any of its associated partners.

7. REFERENCES

Alvares, C. A., Stape, J. L., Sentelhas, P. C., Gonçalves, J. L. M. and Sparovek, G. 2013. Kòppen's climate classification map for Brazil. Meteorologische Zeitschrift, 22 (6), 711-728

Angulo, C., Rötter, Reimund, L., Reiner, Enders, A., Fronzek, S. and Ewert, Frank. 2012. Implication of crop model calibration strategies for assessing regional impacts of climate change in Europe. *Agricultural and Forest Meteorology*, 32-46

Boote, K. J., Jones, J. W., Hoogenboom, G. and Wilkerson, G. G. 1997. Evaluation of the CROPGRO-Soybean model over a wide range of experiments. In: Kropff et al. (eds): Applications of Systems approaches at the Field level, 113-133.

Baigorria, G.A., M. Chelliah, K.C. Mo, C.C. Romero, J.W. Jones, J.J. O'Brien and R.W. Higgins. 2010. Forecasting cotton yield in the southeastern USA using coupled global circulation models. Agronomy Journal, 102(1): 187-196. doi:10.2134/agronj2009.0201.

Fehr, W. R. and Caviness, C. E. 1977. Stages of soybean development. Iowa State University Cooperative Extension Service, Special Report 80.

Hoogenboom, G., J.W. Jones, P.W. Wilkens, C.H. Porter, K.J. Boote, L.A. Hunt, U. Singh, J.L. Lizaso, J.W. White, O. Uryasev, F.S. Royce, R. Ogoshi, A.J. Gijsman, G.Y. Tsuji, and J. Koo. 2012. Decision Support System for Agrotechnology Transfer (DSSAT) Version 4.5 [CD-ROM]. University of Hawaii, Honolulu, Hawaii.

Irmak, A., Jones, J. W., Mavromatis, T., Welch, S. M., Boote, K. J., and Wilkerson, G. G. 2001. Evaluating methods for simulating soybean cultivar responses using cross validation. *Agronomy Journal*, **92**:1140:1149

Jones, J. W., Hoogenboom, G., Porter, C. H., Boote, k. J., Batchelor, W. D., Hunt, L. A., Wilkens, P. W., Singh, U., Gijsman, A. J. and Ritchie, J. T. 2003. The DSSAT cropping system model. *European Journal of Agronomy*,18: 235-265

Reichert, J. M., Albuquerque, J. A., Kaiser, D. R., Reinert, D. J., Urach, F. L., Carlesso, R., 2009. Estimation of water retention and availability in soils of Rio Grande do Sul. Bra. J. of Soil Sci. 33: 1547-1560.

Richter, G. L., Zanon, A. J., Streck, N. A., Guedes, J. V. C., Kräulich, B., Rocha, T. S. M., Winck, J. E. M., & Cera, J. C. (2014). Estimativa da área de folhas de cultivares antigas e modernas de soja por método não destrutivo. Bragantia, 73, 416-425. http://dx.doi.org/10.1590/1678- 4499.0179.

Romero, C.C., Hoogenboom, G., Baigorria, G.A., Koo, J., Gijsman, A.J., Wood, S., 2012. Reanalysis of a global soil database for crop and environmental modeling. Environmental Modelling & Software 35, 163–170. doi:10.1016/j.envsoft.2012.02.018

Ruíz-Nogueira, B., Boote, K. J. and Sau, F. 2001. Calibration and use of CROPGRO-soybean model for improving management under rainfed conditions. *Agricultural Systems*, 68:151-173.

Salmerón, M., Gbur, E., Bourland, F., Buehring, N., Earnest, L., Fritschi, F., Golden, B., Hathcoat, D., Lofton, J., McClure, A., Miller, T., Neely, C., Shannon, G., Udeigwe, T., Verbree, D., Vories, E., Wiebold**, W.** and Purcell, L. 2016. Yield Response to Planting Date Among Soybean Maturity Groups for Irrigated Production in the US Midsouth. Crop Science vol. 56, No 2, p. 747-759. doi:10.2135/cropsci2015.07.0466.

Saxton, K. E., Rawls, W. J., Romberger, J. S. and Papendick, R. I. 1986. Estimating generalized soil water characteristics from texture. Transactions of the ASAE, 50:1031-1035.

Thorp, K. R., Batchelor, W. D., Paz, J. O., Kaleita, A. L., Dejonge, K. C., 2007. Using Cross-Validation to Evaluate CERES-Maize Yield Simulations within a Decision Support System for Precision Agriculture. Transactions of the ASABE, Vol. 50(4): 1467-1479.

USDA-FAS.2015. Oilseeds. Retrieved from: http://apps.fas.usda.gov/psdonline/psdDownload.aspx

Xiong, W., Balkovic, J., van der Velde, M., Zhang, X., Izaurralde, R. C., Skalsky, R., Lin, E., Mueller, N., and Obersteiner. 2014. A calibration procedure to improve global rice yield simulations with EPIC. *Ecological Modelling*, 128:139.

Zanon, A. J., Streck, N. A., Richter, G. L., Becker, C. C., Rocha, T. C. M., Cera, J. C., Winck, J. M., Cardoso, A. P., Tagliapietra, E. L., Weber, P. S. 2015. Branches contribution and leaf area index evolution in modern cultivars of soybean. Bragantia, Campinas, v. 74, n. 3, p.279-290. doi.org/10.1590/1678-4499.0463.

Table S1 – Set of genetic coefficients estimated using each dataset used in the four different grouping levels during the calibration/validation procedures in this study.

	Development genetic coefficients					**Growth genetic coefficients**					
Classes	**EM-FL**	**FL-SH**	**FL-SD**	**SD-PM**	**FL-LF**	**LFMAX**	**SLAVR**	**SIZLF**	**WPSD**	**PODUR**	**SFDUR**
Individual Sowings											
Exp.1	24.1	5.3	14	41.4	28	1.030	400	240	0.18	10	23
Exp.2	24.3	5.3	14	41.0	26	1.030	400	240	0.18	10	23
Exp.3	26.0	3.6	11	39.7	36	1.400	400	240	0.12	10	23
Exp.4	23.5	4.7	16	35.7	30	1.400	315	221	0.22	10	23

Exp.5	25.9	4.3	11	35.7	22	0.820	345	201	0.14	10	23
Exp.6	28.3	8.8	20	26.3	28	1.200	400	200	0.24	10	23
Exp.7	26.6	5.8	13	39.7	28	1.200	365	260	0.12	10	23
Exp.8	25.0	3.7	14	39.2	30	1.300	375	281	0.18	10	23
Exp.9	26.1	6.2	11	36.0	26	0.900	345	201	0.12	10	23
Exp.10	26.3	7.0	17	30.8	36	1.400	400	290	0.21	10	18
Exp.11	24.3	4.1	12	35.8	18	0.900	350	240	0.14	14	18
Exp.12	17.2	5.5	12	37.3	28	1.170	340	240	0.11	14	18
Exp.13	26.4	5.7	15	33.9	8	0.820	400	170	0.19	14	23
Exp.14	28.5	3.1	12	40.3	8	1.400	320	270	0.21	3	23
Exp.15	23.4	5.6	11	41.6	16	1.060	300	180	0.21	3	25
Exp.16	24.3	4.7	10	38.2	26	1.130	330	200	0.19	3	23
Exp.17	23.3	8.9	16	36.9	7	1.300	320	200	0.18	3	23
Exp.18	21.4	12.9	16	37.4	30	0.820	310	200	0.17	7	23
Exp.19	23.4	7.5	16	39.8	16	0.820	300	200	0.17	7	18
Exp.20	27.0	6.9	16	35.6	36	0.820	400	150	0.18	6	18
Exp.21	26.5	4.2	11	35.6	30	0.820	400	150	0.13	11	15
Season/year per location											
Field 1	23.9	5.7	14	40.6	26	1030	300	200	0.18	10	23
Field 2	25.1	3.9	12	37.9	36	1300	315	180	0.15	10	23
Field 3	26.7	7.2	14	37.4	36	1100	385	180	0.11	7	17
Field 4	24.0	4.3	13	36.3	10	820	400	180	0.13	6	13
Field 5	23.5	8.2	13	38.9	30	820	315	200	0.15	14	22
Experimental site											
Station 1	24.7	6.5	14	36.2	30	820	300	250	0.13	5	13
Station 2	23.5	8.2	13	38.9	30	820	315	200	0.15	14	22
All data together											
Program	24.8	6.0	13.4	37.0	26	0.93	345	221	0.2	10	26

Table S2 – Relative root mean square errors (%) resulted from each set of genetic coefficients used (Table S1) during the CROPGRO-soybean model validation procedure.

Groups	**Development genetic coefficients**				**Growth genetic coefficients**						
	EM-FL	**FL-SH**	**FL-SD**	**SD-PM**	**Final Leaf num.**	**LAI**	**C. H.**	**One Grain**	**Grains/ m2**	**Grain yield**	**Averag. RMSE**
Individual sowings											
Exp. 1	8.0	9.5	10.9	6.1	14.7	N	25	N	N	N	11.8
Exp. 2	7.8	9.3	11.0	5.5	14.7	N	25	N	N	N	11.7
Exp. 3	9.1	9.9	12.0	4.8	14.7	N	24	22.2	N	N	13.2
Exp. 4	9.3	11.6	10.9	4.4	14.7	N	26	30.5	N	N	14.6
Exp. 5	8.3	9.1	12.5	5.5	15.3	N	27	18.0	N	N	13.1

Exp.6	15.2	19.6	24.9	6.7	18.1	N	27	17.6	N	N	18.2*
Exp.7	10.3	9.4	11.3	6.6	15.3	N	25	20.6	N	N	13.5*
Exp.8	7.9	11.1	10.8	5.1	14.7	N	25	18.7	N	N	12.8*
Exp.9	8.9	9.2	12.2	5.1	15.3	N	26	18.8	N	N	13.0*
Exp.10	9.8	11.0	15.5	5.1	15.8	48	26	32.2	27	35	21.4
Exp.11	7.7	11.5	12.1	5.1	15.3	37	26	17.5	21	30	17.5
Exp.12	28.7	24.7	24.9	10.6	17.0	37	27	17.2	34	31	24.9
Exp.13	9.0	9.0	12.4	5.1	15.8	39	34	16.7	24	33	18.8
Exp.14	9.5	9.2	12.8	5.0	16.4	44	27	13.0	24	34	18.5
Exp.15	9.3	10.1	15.9	4.6	18.1	39	24	35.3	19	27	19.3
Exp.16	7.5	10.4	15.3	5.7	18.7	35	24	30.4	24	29	19.1
Exp.17	9.3	9.2	10.9	4.6	15.3	40	22	20.8	35	36	19.2
Exp.18	14.8	14.3	11.2	4.1	15.3	35	22	32.8	21	30	19.2
Exp.19	9.3	8.5	10.8	6.0	15.3	N	22	20.6	18	27	14.6*
Exp.20	10.9	12.0	14.4	6.7	15.8	35	21	19.0	22	30	18.0
Exp.21	9.4	8.8	12.1	5.5	15.3	35	21	19.2	25	33	17.6
Season/year per location											
Field 1	8.2	9.3	10.9	5.4	14.3	N	22	N	N	N	11.3*
Field 2	7.5	10.8	12.1	4.6	14.3	N	21	17.6	N	N	12.1*
Field 3	10.1	12.2	11.7	5.9	14.7	N	17	17.6	N	N	12.4*
Field 4	8.3	11.5	12.1	4.9	14.1	44	23	19.3	19	30	17.7
Field 5	9.3	8.8	12.6	4.4	19.4	35	35	19.6	22	30	18.6
Experimental sites											
Station 1	7.6	8.6	10.8	4.5	15.1	35	21	17.6	18	28	15.8
Station 2	9.3	8.8	12.6	4.4	19.4	35	35	19.6	22	30	18.6
All data together											
Program	7.5	8.3	10.9	4.5	15.3	35	21	26.0	21	28	16.9

*Averages without grains.m^{-2} and yield.

Table S3 – Layer by layer information of all soils used in this study.

Location	Layer	Depth (cm)	Silt (%)	Sand (%)	Clay (%)
	A	15	42	35	23
	A	30	22	53	25
Santa Maria	B	55	16	37	47
	B	70	23	27	50
	B	87	33	13	54
	C	120	35	5	60
	A	13	11	54	35
	AA	35	8	70	22
Júlio de Castilhos	AAA	55	8	66	26
	B	100	8	65	27
	BB	300	8	60	32
	A	17	22	9	69
	AAA	40	22	11	67
Frederico	B	58	19	11	70
Westphalen	BB	120	14	9	77

	BB	180	12	6	82
	BB	440	13	8	79
	BBB	530	18	8	74
	A	23	36	55	19
Pelotas	AA	40	36	50	14
	B	80	28	30	42
	BB	110	31	35	34
	A	20	43	36	21
Restinga Seca	A	40	28	57	15
	AB	55	33	44	23
	B	75	63	15	22
	C	115	72	18	10
	A	17	62	20	18
Itaqui	A	35	38	37	25
	B	65	26	21	53
	A	10	21	10	69
	AAA	30	21	9	70
	B	51	13	7	80
Água Santa	B	95	13	4	83
	BB	133	14	8	78
	BB	182	16	9	75
	BB	222	18	9	73
	BB	280	25	13	62
	C	320	29	29	42
	C	380	32	33	35
	A	13	9	45	46
Tupanciretã	AA	35	8	70	22
	AAA	55	8	66	26
	B	100	8	65	27
	BB	300	8	60	32

7 DISCUSSÃO

Modelos agrícolas são ferramentas que podem trazer inúmeros benefícios para a agricultura, principalmente em países em desenvolvimento, onde a economia geralmente possui forte dependência do setor agrícola. Entre as principais dificuldades para aumento no número de usuários, são os processos de calibração e de validação do modelo e o alto custo financeiro para a condução de experimentos necessários para calibrar e validar, dificuldades enfrentadas principalmente por países em desenvolvimento, visto que existe um número mais expressivo de usuários e de pesquisa em modelagem em países desenvolvidos.

Diminuir as incertezas envolvidas nos processos de calibração e validação pode facilitar e otimizar a utilização de modelos agrícolas, e consequentemente torná-los mais acessíveis para extensionistas agrícolas de setores governamentais e privados. Como exemplos da utilização de modelos agrícolas na busca de um melhor entendimento sobre as interações (genótipo X ambiente X manejo) das culturas, visando maior eficiência no manejo e planejamento agrícola, estão os modelos SimulArroz (www.ufsm.br/simularroz), o Simanihot (www.ufsm.br/simanihot) e PhenoGlad (www.ufsm.br/phenoglad).

O Modelo CROPGRO-soybean é um dos modelos mais utilizados por pesquisadores para pesquisa em Soja, porém, aqui no Brasil tem seu uso bastante restrito e tímido. O grande número de parâmetros iniciais que esse modelo necessita, é um dos principais obstáculos quando é tentado utilizá-lo com dados obtidos em experimentos de campo. Isso, somado às restrições financeiras que encurtam a cada ano o orçamento para pesquisa, aumenta a necessidade de um método capaz de utilizar com maior eficiência os dados obtidos em um número reduzido de experimentos.

No primeiro capítulo desta tese, o método cross-validation LOO, capaz de utilizar todos os conjuntos de experimentos nos processos de calibração e validação, foi comparado com o método de partição em dois grupos para calibrar e validar o cultivar NA 5909. Pelo método de partição em dois grupos, um conjunto de experimentos foi dividido em duas partes, uma para calibrar e a outra para validar o modelo. Fatos como o encurtamento no período de mercado de uma cultivar, o alto numero de cultivares lancadas a cada ano e restrições no orçamento para a condução de múltiplos experimentos, faz com que geralmente exista um número reduzido de experimentos. Assim, a divisão de um conjunto pequeno de experimentos em duas partes, pode afetar negativamente a calibração e validação do modelo, resultando em uma calibração tendenciosa, de acordo com a divisão adotada. Assim, métodos que possam trazer maior robustez aos processos de calibração e validação são sempre vindos, pois melhoram a precisão e diminuem o número necessário de experimentos para executar o mesmo processo.

O método cross-validation, tem como principal característica, permitir a utilização de todos os experimentos, tanto na calibração quanto na validação, foi comparado ao método de partição em dois grupos. Pelo método de partição em dois grupos, os 21 experimentos foram divididos em duas partes, sendo a primeira para calibração e a segunda para validação. O método de calibração/validação cross-validation reduziu o erro médio quadrático das simulações dos estádios fenológicos de 2.6, 4.6, 4.8, 7.3, 10.2 para 1.1, 4.1, 4.1, 6.2, 6.3 dias para emergência, R1, R3, R5 e R7, respectivamente. Já para os componentes de rendimento, o método cross-validation reduziu o erro médio quadrático de 677 e 551 para 347 e 447 grãos.m^{-2} e kg.ha^{-1}, respectivamente. Foi observado baixa variabilidade (estabilidade dos coeficientes genéticos) nos valores estimados na maioria dos 21 experimentos. Isso significa que os coeficientes genéticos de cultivar NA 5909, poderiam ter sido obtidos, a partir de um número inferior de experimentos e datas de semeadura, economia que poderia ser revertida em novos experimentos ou novas cultivares por exemplo.

Mesmo considerando a ampla faixa de datas de semeadura (Setembro á Fevereiro) e de condições ambientais (clima, solos e diferentes anos agrícolas), o modelo CROPGRO-soybean, se mostrou robusto nas previsões dos estágios fenológicos, acúmulo de biomassa e produtividade. Na calibração e validação dos coeficientes genéticos específicos de uma cultivar, o método cross-validation deveria ser utilizado sempre que possível, pois, ao permitir a utilização total de experimentos durante a calibração/validação (evita a divisão em duas partes), permite também a redução de experimentos necessários, e consequentemente os custos, sem prejudicar o desempenho do modelo CROPGRO-soybean. Ou seja, se pelo método partição em dois grupos, com 10 experimentos, utilizo 6 para calibrar e 4 para validar. Já com o método cross-validation, com apenas 6 experimentos, o modelo é calibrado e validado com os 6, garantindo uma menor tendenciosidade durante os processos.

Os resultados do primeiro capítulo, também sugerem que ao eliminar a necessidade da divisão do conjunto de experimentos, o método cross-validation leave-one-out, pode reduzir o número de experimentos necessários para calibrar e validar o modelo CROPGRO-soybean. O processo de calibração e validação geralmente utiliza vários experimentos ou um número mais restrito. Calibrar e validar um modelo utilizando poucos experimentos, pode incrementar as incertezas, já um conjunto maior, apresenta custos elevados e inviáveis. Assim, o objetivo principal do segundo capítulo desta tese, foi quantificar as incertezas envolvidas nos processos de calibração e validação utilizando diferentes números de experimentos, e estimar o número mínimo de experimentos para uma calibração confiável do modelo CROPGRO-soybean.

O estudo conduzido com o total de 21 experimentos (cultivar BMX Potência RR), semeada em 8 locais diferentes no Estado do Rio Grande do Sul, durante 4 anos agrícolas (2010/2011 a 2013/2014), permitiu obter uma grande quantidade de dados representativos de diferentes condições ambientais. Assim, essa grande quantidade de dados, possibilitou a realização de uma análise por agrupamentos. Os 21 experimentos agrupados em 4 grupos diferentes (semeaduras individuais), ano agrícola por local (mais de uma data de semeadura no mesmo ano agrícola e local), local experimental (todos os experimentos conduzidos no mesmo local) e todos os 21 experimentos disponíveis juntos, resultaram em 28 diferentes combinações distribuídas nos 4 grupos. Em todas as 4 classes, os processos de calibração e validação foram conduzidos utilizando o método cross-validation leave-one-out.

Em geral, a variabilidade dos coeficientes genéticos, diminuiu conforme o número de experimentos utilizados na calibração aumentou. A variabilidade dos RRMSEs também diminuiu ao ser aumentado o nível do agrupamento, porém, o maior decréscimo ocorre com o avanço do grupo de semeaduras individuais (primeiro grupo) para a ano agrícola por local (segundo grupo). Calibrar o modelo CROPGRO-soybean, utilizando apenas um dos experimentos do grupo 1, pode levar a erros nas simulações de 28.4, 48 e 36% para estimar a data do estádio R1, o IAF e a produtividade, respectivamente. A mudança do primeiro grupo para o segundo, apresentou um leve acréscimo no erro mínimo, mas reduziu a amplitude dos erros relativos (RRMES's) de 4.1 a 28.7 para 4.4 a 12.6% nas simulações dos estádios fenológicos (R1, R3, R5 e R7), ou seja, os erros decresceram mais do que duas vezes (28.7% na fenologia). Esse primeiro resultado eleva a necessidade de aplicar o método cross-validation na calibração/validação nos casos em que o pesquisador possui um número pequeno de experimentos.

Ao aumentar o nível de agrupamento (grupos 3 e 4), o decréscimo nas variabilidades (coeficientes genéticos e dos erros) também foi observado. Porém, os decréscimos foram sutis, ou seja, não justificam triplicar ou setuplicar o número de experimentos. Em outras palavras, desenhando uma curva partindo do grupo 1 até o grupo 4, é como se a curva se tornasse assintótica, não oferecendo benefícios significativos.

8 CONCLUSÃO

Os coeficientes estimados a partir do método cross-validation leave-one-out, apresentaram melhor desempenho quando comparados ao método de partição em dois grupos durante a calibração e validação do modelo CROPGRO-soybean. Para aumentar o desempenho e a eficiência do uso dos experimentos disponíveis nos processos de calibração e validação, o método cross-validation deve ser usado sempre que possível.

Em geral, quanto maior o nível de agrupamento (mais experimentos), menores os valores dos erros relativos (RRMSEs) durante as simulações do modelo CROPGRO-soybean. Porém, o número mínimo de experimentos necessários para alcançar uma calibração e validação de qualidade, são 3 experimentos grupo 2. Essa estratégia permite compreender as interações (genótipo x ambiente x manejo) dentro de uma ampla faixa de semeadura e evita as incertezas do grupo 1 e os altos custos que conjuntos maiores de experimentos demandam.

9 REFERÊNCIAS

ABIOVE. 2016. http://www.abiove.org.br/site/index.php?page=estatistica&area=NC0yLTE=
APROBIO. 2015. Monthly bulletin of renewable fuel. Ministry of Mines and Energy, Brasilia. June, ed. 89. Available at: http://www.aprobio.com.br/BoletimDCR-n89-junho-2015.pdf

BOOTE, K.J., JONES, J.W., HOOGENBOOM, G., PICKERING, N.B., 1998. The CROPGRO model for grain legumes.In G. Y. Tsuji, G. Y, Hoogenboom, G., Thornton, P. K. (Ed.).Understanding Options for Agricultural Production. Systems Approaches for Sustainable Agricultural Development. Springer Netherlands, Volume 7, pp 99-128.

BORRMANN, D; Efeito do déficit hídrico em características químicas e bioquímicas da soja e na degradação da clorofila, com ênfase na formação de metabólitos incolores. Tese Doutorado, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, Disponível em: >. Acesso em: 28 Set BRASIL.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. 2016. http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_10_21_15_32_09_safra_outubro.pdf

DALL´AGNOLL, A., ROESSING, A.C., LAZZAROTTO, J.J., HIRAKUTI, M.H., OLIVEIRA, A. B. O complex agroindustrial da soja brasileira. Londrina: EMBRAPA, 2007. 12p. (circular técnica).
DOURADO-NETO, J., TERUEL, D.A., REICHARDT, K., NIELSEN, D.R., FRIZZONE, J.A., BACCHI, O. O. S. Principles of crop modeling and simulation: I. Uses of mathematical models in conabagricultural science. Scientia Agricola, Piracicaba, v. 55, p.46-50, 1998.

JONES, J. W., HOOGENBOOM, G., PORTER, C. H., BOOTE, K. J., BATCHELOR, W. D., HUNT, L. A., WILKENS, P. W., SINGH, U., GIJSMAN, A. J. AND RITCHIE, J. T. 2003. The DSSAT cropping system model. European Journal of Agronomy,18: 235-265

DALLACORT, R.; FREITAS, P. S. L.; RESENDE, R.; FARIA, R. T.; GONÇALVES, A. C. A. Utilização do modelo CROPGRO-drybean, na determinação das melhores épocas de semeadura da cultura do feijão, para a região de Maringá-PR. Acta Scientiarum. Agronomy, v. 27, n. 2, p. 353-359, 2005.

EL-SHARKAWY, M. A., 2011 - Overview: Early history of crop growth and photosynthesis modeling. Biosystems. Volume 103, Issue 2, February 2011, Pages 205–211. Computational Models of Photosynthesis.

FEHR, W. R. AND CAVINESS, C. E. 1977. Stages of soybean development. Iowa State University Cooperative Extension Service, Special Report 80.

GARRISON, M.V., W.D. BATCHELOR, R.S. KANWAR, AND J.T. RITCHIE. 1999.Evaluation of the CERES-Maize water and nitrogen balances under tile-drained conditions. Agric.Systems 62(3):189-200.

INES, A. V. M.; P. DROOGERS; I. W. MAKIN; and A. DAS GUPTA. 2001. Crop growth and soil water balance modeling to explore water management options. IWMI Working Paper 22. Colombo, Sri Lanka: International Water Management Institute.

MA, L., AHUJA, L.R., ASCOUGH, J.C., SHAFFER, M.J., ROJAS, K.W., MALONE, R.W., CAMEIRA, M.R., 2000. Integrating system modeling with field research in agriculture: Applications of the Root Zone Water Quality Model (RZWQM). Adv. Agron. 71, 233-292.

SOLER, C.M.T., SENTELHAS, P.C., HOOGENBOOM, G. The impact of El Nino Southern Oscillation phases on off-season maize yield for subtropical region of Brazil. International Journal of Climatology, Cambridge, v.30, n. 7, p. 1056-1066, 2009.

RITCHIE, J.T. 1998. Soil water balance and plant stress. p. 41-54. In: [G. Y. Tsuji, G. Hoogenboom, and P. K. Thornton, Editors]. Understanding Options for Agricultural Production. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, the Netherlands.

RITCHIE, J.T., U. SINGH, D.C. GODWIN, AND W.T. BOWEN. 1998. Cereal growth, development and yield. p. 79-98. In: [G. Y. Tsuji, G. Hoogenboom, and P. K. Thornton, Editors]. Understanding Options for Agricultural Production. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, the Netherlands.

SILVA, M.S., NAVES, M.M.V., OLIVEIRA, R.B., LEITE, O.S.M. Composição química e valor proteico do resíduo de soja em relação ao grão de soja. Ciência e Tecnologia dos Alimentos, Campinas, v. 26, p. 571-576, 2006.

STRECK, E.V., KAMPF, N., DALMOLIN, R. S. D., KLAMT, E., NASCIMENTO, P. C., SCHNEIDER, P., GIASSON, E., PINTO, L. F. S. 2008. Solos do Rio Grande do Sul. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Emater/RS. 222p.

THENKABAIL, P. S., WARD, A. D., LYON, J. G., AND MAERRY, C. J. (1994). Thematic Mapper vegetation indices for determining soybean and corn growth parameters. Photogrammetric Engineering and Remote Sensing 60, 437–442.

K. R. THORP*, S. ALE, M. P. BANGE, E. M. BARNES, G. HOOGENBOOM, R. J. LASCANO, A. C. MCCARTHY, S. NAIR, J. O. PAZ, N. RAJAN, K. R. REDDY, G. W. WALL, AND J. W. WHITE. 2014. Development and Application of Process-based Simulation Models for Cotton Production: A Review of Past, Present, and Future Directions. The Journal of Cotton Science Vol. 18, p.10–47.

THORP, K. R., BATCHELOR, W. D., PAZ, J. O., KALEITA, A. L., DEJONGE, K. C., 2007. Using Cross-Validation to Evaluate CERES-Maize Yield Simulations within a Decision Support System for Precision Agriculture. Transactions of the ASABE, Vol. 50(4): 1467-1479.

USDA-FAS.2016. Oilseeds. Retrieved from: http://apps.fas.usda.gov/psdonline/psdDownload.aspx

ZANON, A. J., STRECK, N. A., RICHTER, G. L., BECKER, C. C., ROCHA, T. C. M., CERA, J. C., WINCK, J. M., CARDOSO, A. P., TAGLIAPIETRA, E. L., WEBER, P. S. 2015. Branches contribution and leaf area index evolution in modern cultivars of soybean. Bragantia, Campinas, v. 74, n. 3, p.279-290. doi.org/10.1590/1678-4499.0463.

10 APÊNDICE

Passo-á-passo simplificado, das etapas necessárias para a utilização do modelo CROPGRO-soybean.

Passo 1 -> Criar o arquivo *.SBA – responsável pelos dados observados nos experimentos (finais como as datas fenológicas, número final de nós, produtividade e outros). Na pasta Soybean, existem vários modelos de arquivos *.SBA, que podem ser utilizados como modelo de partida.

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

```
*EXP: 5909

! File last edited on day 08/27/2013 at 4:14:32 PM
!
@TRNO   PDAT  EDAT  ADAT  PD1T  PDFT  MDAT
    1    344   351   030   040   054   097
    2    008   015   050   058   070   114
    3    267   275   334   345   005   062
    4    323   330   020   031   051   091
    5    028   034   069   074   083   127
    6    266   277   324   340   363   047
    7    308   314   001   011   026   076
    8    337   343   025   035   048   095
    9    037   042   079   088   099   144
   10    270   278   327   338   360   040
   11    319   324   007   018   030   080
   12    050   055   090   097   107   156
   13    322   328   019   026   039   084
   14    327   333   015   023   038   072
   15    314   320   008   017   033   085
   16    318   323   005   020   030   073
   17    289   295   348   013   -99   077
   18    328   333   020   048   -99   093
   19    345   351   035   051   -99   105
   20    337   344   024   039   060   094
   21    321   326   020   029   040   086
```

Passo 2 -> Criar o arquivo *.SBT – responsável pela alocação de dados que serão comparados de forma continua durante as simulações, como evolução de número de nós, evolução da massa de grãos, etc. Na mesma pasta do Passo 1 (Soybean), também existem arquivos *.SBT experimentos que podem ser utilizados como ponto de partida.

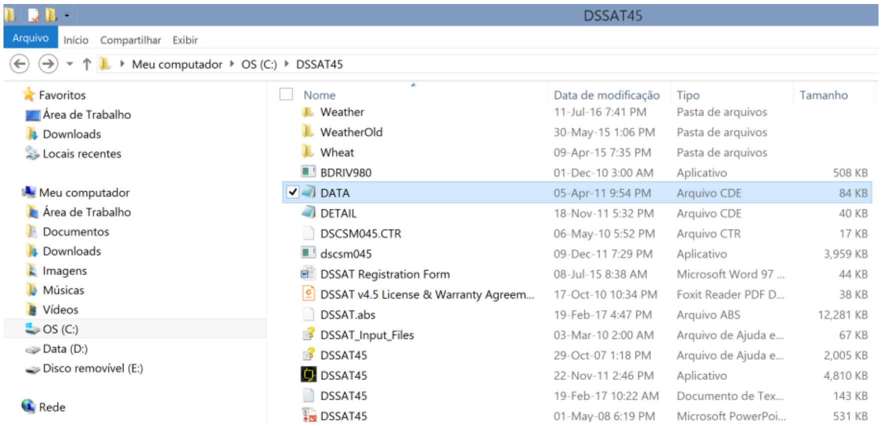
OHWO8801 - Bloco de notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

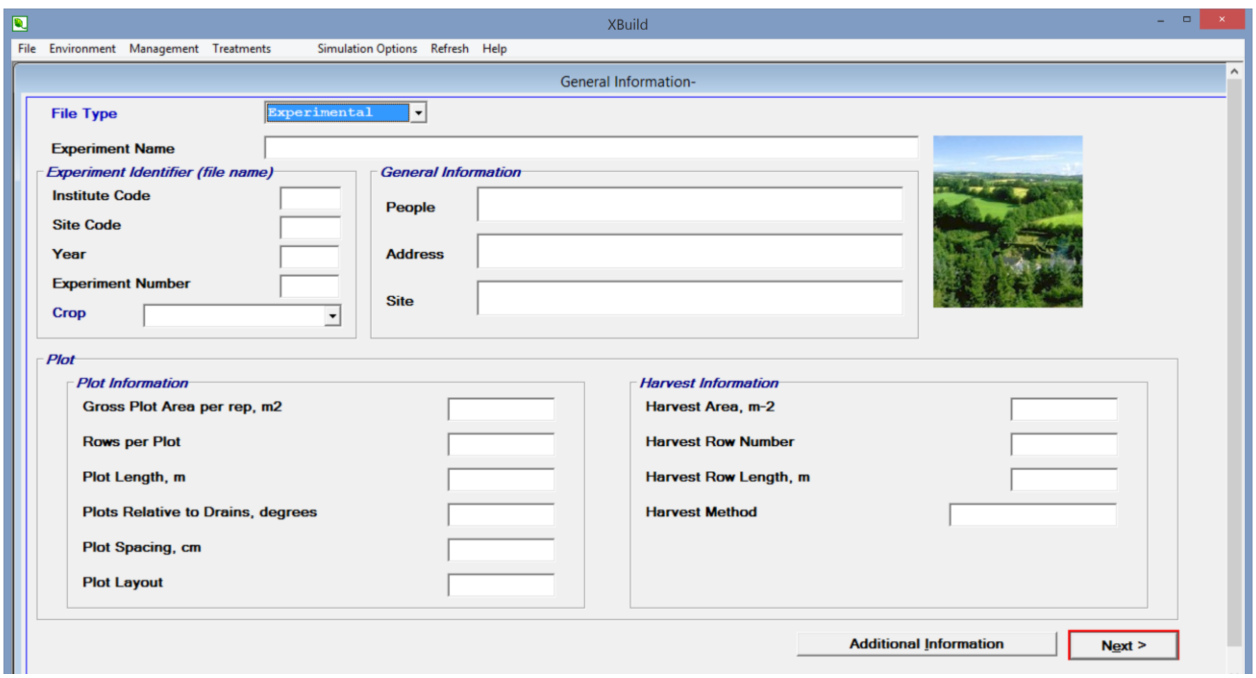
```
*EXP: OHWO8801SB ASA 1988  STUDY, WILLIAMS-82, IRRIGATED

! File last edited on day 08/27/2003 at 4:10:58 PM
!
@TRNO   DATE  L#SD  LAID  P#AD  SWAD  GWAD  LWAD  CWAD  PWAD  SHAD  RWAD  G#AD  SH%D  SLAD  GWGD  HIAD  HIPD
     1 88165   2.0  0.51   0.0  28.5   0.0 174.2 202.8   0.0   0.0   -99   0.0   -99   290   -99   -99   -99
     1 88172   3.5  0.86   0.0 133.8   0.0 330.4 464.1   0.0   0.0   -99   0.0   -99   262   -99   -99   -99
     1 88179   5.2  2.35   0.0 440.5   0.0 809.2  1250   0.0   0.0   -99   0.0   -99   291   -99   -99   -99
     1 88187   7.2  2.66   0.0 766.6   0.0  1065  1832   0.0   0.0   -99   0.0   -99   250   -99   -99   -99
     1 88193   9.2  4.82   0.0  1355   0.0  1490  2845   0.0   0.0   -99   0.0   -99   323   -99   -99   -99
     1 88200  11.2  5.31   0.0  1679   0.0  1576  3255   0.0   0.0   -99   0.0   -99   337   -99   -99   -99
     1 88207  13.8  6.03   0.0  2337   0.0  2027  4364   0.0   0.0   -99   0.0   -99   298   -99   -99   -99
     1 88214  15.2  5.66 257.4  2654   0.0  1809  4491   0.0   0.0   -99   0.0   -99   313   -99   -99   -99
     1 88221  18.8  7.65 969.8  4711   2.5  2755  7749  50.2  47.7   -99  97.5   5.0   278   2.5 0.000 0.006
     1 88228  20.2  6.24  1501  4618 178.3  2237  7779 788.2 609.9   -99  1659  22.6   279   9.8 0.023 0.101
     1 88235  21.5  6.41  1549  5010 668.8  2512  9676  2132  1463   -99  1597  31.4   255  41.8 0.069 0.220
     1 88242  23.5  4.94  1305  4625  1527  2008  9678  3041  1514   -99  2574  50.2   246  58.7 0.158 0.314
     1 88250  24.0  4.18  1310  4447  2679  1854 10641  4338  1659   -99  3020  61.7   225  89.1 0.252 0.408
     1 88256  22.5  3.55  1234  4204  3148  1416 10316  4692  1545   -99  2687  67.1   251 123.0 0.305 0.455
     1 88263  23.2  1.72  1089  3203  3558 590.7  8666  4866  1308   -99  2575  73.1   291 137.8 0.411 0.562
     1 88270  23.2  0.00  1253  3010  4723   0.0  9265  6222  1499   -99  2976  75.9   -99 158.3 0.510 0.672
     1 88277  23.0  0.00  1127  2671  4151   0.0  8091  5369  1218   -99  2597  77.3   -99 161.0 0.513 0.664
     1 88289   -99   -99   -99   -99  3802   -99   -99   -99   -99   -99  2658   -99   -99 143.0   -99   -99
```

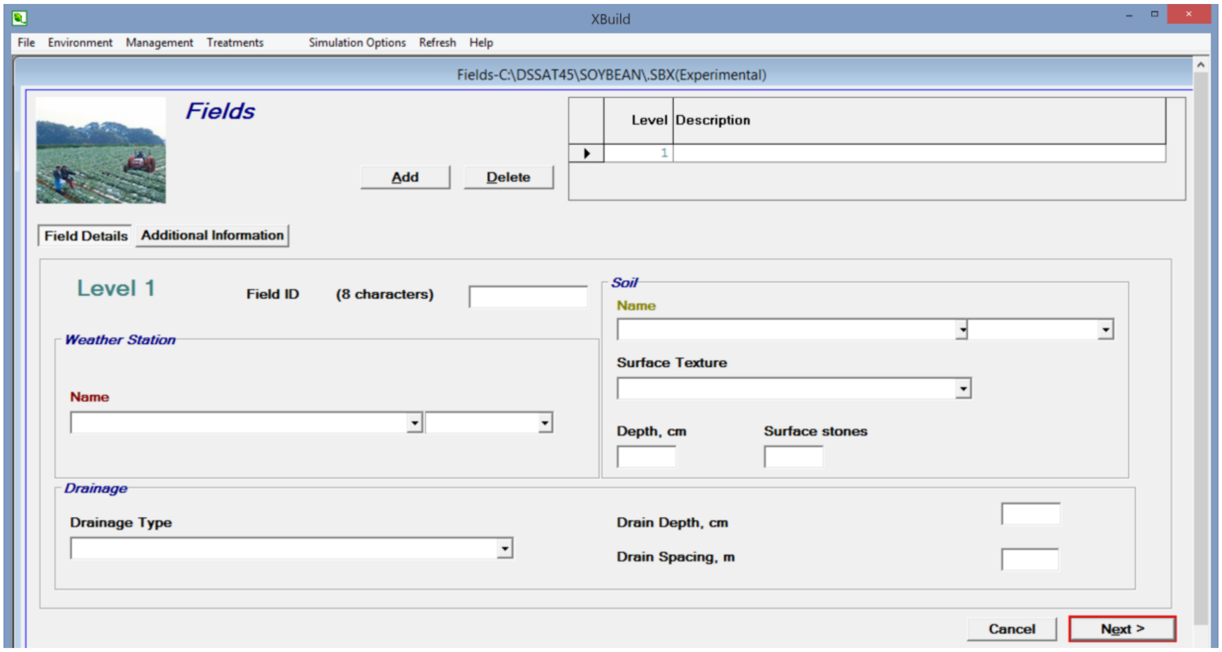
Na pasta inicial do DSSAT, o arquivo de texto DATA, contém informações sobre o significado da maioria das siglas utilizadas durante a confecção dos arquivos iniciais.



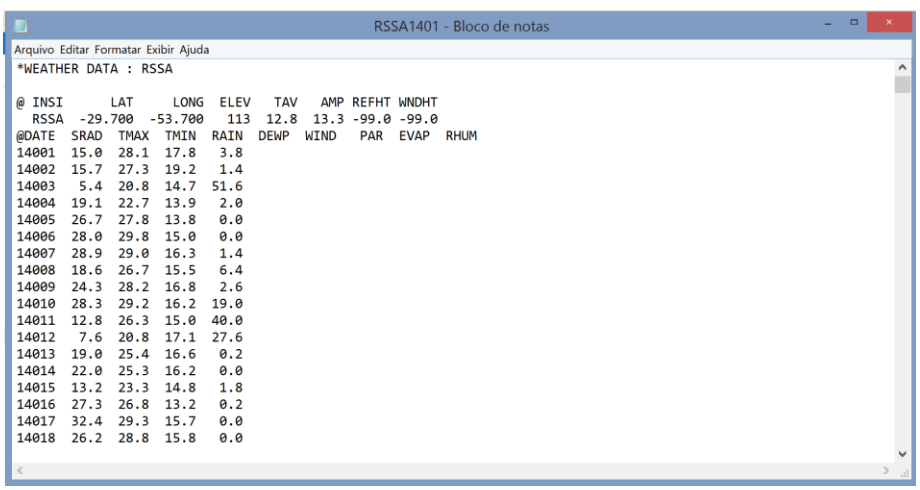
Passo 3 -> A criação do arquivo SBX, o qual será o responsável pelos detalhes do manejo de cada experimento que será simulado. Ao abrir o programa DSSAT, na aba esquerda (FERRAMENTAS), o sub-programa Crop Management Data irá auxiliar na criação desse arquivo.



Passo 4 -> Será necessária a seleção de uma estação meteorológica para cada experimento, ou a mesma para vários experimentos de acordo com a disponibilidade e proximidade.



Passo 5 -> Na pasta Weather, existem várias estações meteorológicas já utilizadas no modelo, e podem servir como modelo de como os dados devem ser organizados. Uma opção mais fácil é a utilização do subprograma Weather Data (Localizado na aba esquerda (FERRAMENTAS)). OBS – Certifique-se que as coordenadas geográficas estejam corretas, no arquivo da estação meteorológica, pois o modelo utiliza essas coordenadas para estimar o fotoperíodo, e não as inseridas durante a criação do arquivo SBX.




```
*WEATHER DATA : RSSA

@ INSI      LAT     LONG  ELEV   TAV   AMP REFHT WNDHT
  RSSA  -29.700  -53.700   113  12.8  13.3 -99.0 -99.0
@DATE  SRAD  TMAX  TMIN  RAIN  DEWP  WIND   PAR  EVAP  RHUM
14001  15.0  28.1  17.8   3.8
14002  15.7  27.3  19.2   1.4
14003   5.4  20.8  14.7  51.6
14004  19.1  22.7  13.9   2.0
14005  26.7  27.8  13.8   0.0
14006  28.0  29.8  15.0   0.0
14007  28.9  29.0  16.3   1.4
14008  18.6  26.7  15.5   6.4
14009  24.3  28.2  16.8   2.6
14010  28.3  29.2  16.2  19.0
14011  12.8  26.3  15.0  40.0
14012   7.6  20.8  17.1  27.6
14013  19.0  25.4  16.6   0.2
14014  22.0  25.3  16.2   0.0
14015  13.2  23.3  14.8   1.8
14016  27.3  26.8  13.2   0.2
14017  32.4  29.3  15.7   0.0
14018  26.2  28.8  15.8   0.0
```

Passo 6 -> Um arquivo com informações detalhadas do perfil de solos do local do experimento, também é necessário na etapa da criação do arquivo do experimento (da mesma forma que o arquivo da estação meteorológica). Na pasta Soil, existem alguns arquivos de solos que podem ser utilizados como exemplo (base) durante a confecção. O significados das siglas são encontrados nos arquivos DATA e SOIL, localizados na pasta principal DSSAT.

BR - Bloco de notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

```
*BRPI020004  UFSMS        L        120 ARGISSOL BRUNO, SOIL AF001
@SITE        COUNTRY          LAT     LONG SCS Family
 StaMaria    Brazil        -29.600 -53.800 ARGISSOLO BRUNO
@ SCOM  SALB  SLU1  SLDR  SLRO  SLNF  SLPF  SMHB  SMPX  SMKE
    BN  0.13  6.00  0.30 76.00  1.00  0.98 SA001 SA001 SA001
@  SLB  SLMH  SLLL  SDUL  SSAT  SRGF  SSKS  SBDM  SLOC  SLCL  SLSI  SLCF  SLNI  SLHW  SLHB  SCEC  SADC
    15      A 0.183 0.338 0.480 1.000  0.68  1.38  2.50 23.00 42.00 -99.0 -99.0  6.30 -99.0  12.6 -99.0
    30      A 0.193 0.335 0.480 0.638  0.45  1.40  0.83 25.00 22.00 -99.0 -99.0  6.00 -99.0  12.0 -99.0
    55      B 0.265 0.400 0.510 0.427  0.14  1.28  0.72 47.00 16.00 -99.0 -99.0  5.70 -99.0  12.0 -99.0
    70      B 0.274 0.408 0.530 0.286  0.17  1.25  0.51 50.00 23.00 -99.0 -99.0  5.50 -99.0  12.0 -99.0
    87      B 0.285 0.418 0.540 0.208  0.22  1.21  0.32 54.00 33.00 -99.0 -99.0  5.50 -99.0  12.0 -99.0
   120      C 0.300 0.432 0.550 0.126  0.26  1.19  0.19 60.00 35.00 -99.0 -99.0  5.50 -99.0  12.0 -99.0

*BRPI020005  UFSMS        L        115 ARGISSOL BRUNO, SOIL AF001
@SITE        COUNTRY          LAT     LONG SCS Family
 Restinga    Brazil        -29.7    -53.4    ARGISSOLO BRUNO
@ SCOM  SALB  SLU1  SLDR  SLRO  SLNF  SLPF  SMHB  SMPX  SMKE
    BN  0.13  6.00  0.40 78.00  1.00  0.97 SA001 SA001 SA001
@  SLB  SLMH  SLLL  SDUL  SSAT  SRGF  SSKS  SBDM  SLOC  SLCL  SLSI  SLCF  SLNI  SLHW  SLHB  SCEC  SADC
    20      A 0.176 0.312 0.470 1.000  0.82  1.39  2.40 21.00 43.00 -99.0 -99.0  5.20 -99.0  12.6 -99.0
    40      A 0.148 0.281 0.440 0.549  1.37  1.48  0.86 15.00 28.00 -99.0 -99.0  5.20 -99.0  12.0 -99.0
    55     AB 0.184 0.321 0.470 0.387  0.61  1.39  0.69 23.00 33.00 -99.0 -99.0  6.00 -99.0  11.8 -99.0
    75      B 0.180 0.316 0.490 0.273  1.02  1.35  0.40 22.00 63.00 -99.0 -99.0  6.00 -99.0  11.8 -99.0
   115      C 0.120 0.248 0.450 0.149  3.12  1.47  0.32 10.00 72.00 -99.0 -99.0  6.00 -99.0  11.8 -99.0
```

Passo 7 -> No quadro 1, é possível encontrar os coeficientes genéticos que apresentaram os melhores desempenhos nas simulações das cultivares NA 5909 e BMX Potência, a partir dos 21 experimentos do projeto. Esses coeficientes devem ser inseridos como novas linhas (como no exemplo abaixo), no arquivo SBGRO045.CUL, localizado dentro da pasta Genotype.

```
!VAR#  VRNAME..........   ECO#        CSDL PPSEN EM-FL FL-SH FL-SD SD-PM FL-LF LFMAX SLAVR SIZLF  XFRT WTPSD SFDUR SDPDV PODUR

CF0001 BMXtu RSSM          . SB0607 12.58 0.311  22.0   3.0  10.7 25.90 18.00 1.030  375. 180.0  1.00  0.18  23.0  2.05  10.0  78.0  .400  .200
CF0002 BMXen RSSM          . SB0507 12.83 0.303  24.5   4.4  10.7 31.50 18.00 1.030  375. 180.0  1.00  0.18  23.0  2.05  10.0  78.0  .400  .200
CF0003 NS482 RSSM          . SB0407 13.09 0.294  17.6  13.4  18.3 35.70 26.00 1.030  375. 180.0  1.00  0.19  23.0  2.20  10.0  77.0  .405  .205
CF0004 IAS 5 RSSM          . SB0606 12.58 0.311  23.2  10.9  13.0 30.00 18.00 1.030  375. 180.0  1.00  0.18  23.0  2.05  10.0  78.0  .400  .200
CF0005 NA5909RSSM          . SB0601 12.58 0.311  26.8   3.0  14.1 31.00 18.00 1.030  375. 180.0  1.00  0.18  23.0  2.05  10.0  78.0  .400  .200
CF0006 BMXPotRSSM          . SB0605 12.58 0.311  25.1   4.6  12.7 38.20 18.00 1.030  375. 180.0  1.00  0.18  23.0  2.05  10.0  78.0  .400  .200
```

Quadro 1 – Coeficientes genéticos utilizados para executar as simulações no modelos CROPGRO-soybean de duas cultivares de soja.

Cultivar	EM-FL	FL-SH	FL-SD	SD-PM	FL-LF	LFMAX	SLAVR	SIZLF	WTPSD
NA 5909	23.4	5	11.6	34.1	26	1.000	355	220	0.17
BMX Potência	24.3	6	13.4	37.0	26	0.930	345	221	0.20

Passo 8 -> Após as simulações, são gerados inúmeros arquivos de saída (Outputs), com destaque para o OVERVIEW (apresenta informações gerais sobre as principais características de cada simulação) e o PLANTGRO (arquivo que apresenta a evolução diária detalhada, da maioria das variáveis simuladas pelo modelo, incluindo o balanço hídrico, estresses (excesso e déficit hídrico) e outros). Esses dois arquivos principais são apresentados nas 4 figuras abaixo.

OVERVIEW - Bloco de notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

```
 CROP            : Soybean          CULTIVAR : NA5909RSSM       ECOTYPE :SB0601
 STARTING DATE   : JUL 18 2012
 PLANTING DATE   : AUG 21 2012        PLANTS/m2 : 31.0     ROW SPACING :  45.cm
 WEATHER         : RSSA   2012
 SOIL            : BRPI020004     TEXTURE : L      - ARGISSOL BRUNO, SOIL AF00
 SOIL INITIAL C  : DEPTH:120cm EXTR. H2O:164.6mm  NO3:  0.2kg/ha  NH4:  0.2kg/ha
 WATER BALANCE   : RAINFED
 IRRIGATION      : NOT IRRIGATED
 NITROGEN BAL.   : SOIL-N, N-UPTAKE & DYNAMIC N-FIXATION SIMULATION
 N-FERTILIZER    : NO N-FERTILIZER APPLIED
 RESIDUE/MANURE  : INITIAL :      0 kg/ha ;       0 kg/ha IN     0 APPLICATIONS
 ENVIRONM. OPT.  : DAYL=    0.00  SRAD=    0.00  TMAX=    0.00  TMIN=    0.00
                   RAIN=    0.00  CO2 =    0.00  DEW =    0.00  WIND=    0.00
 SIMULATION OPT  : WATER   :Y  NITROGEN:Y  N-FIX:Y  PHOSPH :N  PESTS  :N
                   PHOTO   :L  ET      :R  INFIL:S  HYDROL :R  SOM    :G
                   CO2     :W  NSWIT   :1  EVAP :S  SOIL   :2
 MANAGEMENT OPT  : PLANTING:R  IRRIG   :N  FERT :N  RESIDUE:N  HARVEST:M
                   WEATHER :M  TILLAGE :Y

*SUMMARY OF SOIL AND GENETIC INPUT PARAMETERS

   SOIL LOWER UPPER   SAT  EXTR  INIT   ROOT   BULK     pH    NO3    NH4    ORG
  DEPTH LIMIT LIMIT    SW    SW    SW   DIST   DENS                          C
   cm   cm3/cm3    cm3/cm3    cm3/cm3          g/cm3         ugN/g  ugN/g     %
--------------------------------------------------------------------------------
  0-   5 0.183 0.338 0.480 0.155 0.338   1.00   1.38   6.30   0.01   0.01   2.50
  5-  15 0.183 0.338 0.480 0.155 0.338   1.00   1.38   6.30   0.01   0.01   2.50
 15-  30 0.193 0.335 0.480 0.142 0.335   0.64   1.40   6.00   0.01   0.01   0.83
 30-  42 0.265 0.400 0.510 0.135 0.400   0.43   1.28   5.70   0.01   0.01   0.72
 42-  55 0.265 0.400 0.510 0.135 0.400   0.43   1.28   5.70   0.01   0.01   0.72
 55-  70 0.274 0.408 0.530 0.134 0.408   0.29   1.25   5.50   0.01   0.01   0.51
 70-  78 0.285 0.418 0.540 0.133 0.418   0.21   1.21   5.50   0.01   0.01   0.32
 78-  87 0.285 0.418 0.540 0.133 0.418   0.21   1.21   5.50   0.01   0.01   0.32
 87-103 0.300 0.432 0.550 0.132 0.432   0.13   1.19   5.50   0.01   0.01   0.19
103-120 0.300 0.432 0.550 0.132 0.432   0.13   1.19   5.50   0.01   0.01   0.19
```

OVERVIEW - Bloco de notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

```
TOT-120   31.1  47.6  62.4  16.5  47.6  <--cm   -  kg/ha-->    0.2    0.2 115826
SOIL ALBEDO    : 0.13      EVAPORATION LIMIT : 6.00         MIN. FACTOR  : 1.00
RUNOFF CURVE # :76.00      DRAINAGE RATE     : 0.30         FERT. FACTOR : 0.98

 Soybean     CULTIVAR :CF0005-NA5909RSSM         ECOTYPE :SB0601
 CSDVAR :12.58  PPSEN  : 0.31  EMG-FLW:24.30  FLW-FSD:11.70  FSD-PHM : 34.40
 WTPSD  :0.170  SDPDVR : 3.05  SDFDUR :25.00  PODDUR : 8.00  XFRUIT  :  1.00
 THRESH : 77.0  SDPRO  :0.400  SDLIP   : 0.200


*SIMULATED CROP AND SOIL STATUS AT MAIN DEVELOPMENT STAGES

 RUN NO.      1      Sim1/2000

        CROP GROWTH     BIOMASS        LEAF   CROP  N      STRESS       STRESS
  DATE  AGE STAGE         kg/ha   LAI   NUM  kg/ha  %    H2O     N    P1    P2    RSTG
 ------ --- ----------   -----  -----  ----  ---  ---   ----  ----  ----  ----   ----
 18 JUL   0 Start Sim        0  0.00   0.0    0  0.0  0.00  0.00  0.00  0.00      0
 21 AUG   0 Sowing           0  0.00   0.0    0  0.0  0.00  0.00  0.00  0.00      0
 27 AUG   6 Emergence       14  0.02   0.0    1  5.1  0.00  0.00  0.00  0.00      0
 27 AUG   6 End Juven.      14  0.02   0.0    1  5.1  0.00  0.00  0.00  0.00      0
  7 SEP  17 Unifoliate      39  0.09   1.1    2  5.1  0.00  0.00  0.00  0.00      0
  7 SEP  17 Flower Ind      39  0.09   1.1    2  5.1  0.00  0.00  0.00  0.00      0
 15 OCT  55 First Flwr     945  2.00   7.7   34  3.6  0.00  0.02  0.00  0.00      1
 24 OCT  64 First Pod     1827  3.10   9.6   66  3.6  0.00  0.00  0.00  0.00      3
  6 NOV  77 First Seed    3489  4.10  12.5  116  3.3  0.00  0.00  0.00  0.00      5
 28 NOV  99 End Msnode    6132  3.90  16.9  197  3.2  0.11  0.00  0.00  0.00      5
 29 NOV 100 End Pod       6187  3.87  16.9  200  3.2  0.00  0.00  0.00  0.00      5
 16 DEC 117 End Leaf      7214  3.17  16.9  251  3.5  0.11  0.00  0.00  0.00      5
 19 JAN 151 Phys. Mat     9986  2.57  16.9  389  3.9  0.00  0.02  0.00  0.00      7
 31 JAN 163 Harv. Mat     8655  0.17  16.9  358  4.1  0.00  0.17  0.00  0.00      8
 31 JAN 163 Harvest       8655  0.17  16.9  358  4.1  0.00  0.00  0.00  0.00      8
```

OVERVIEW - Bloco de notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

```
 |-----Development Phase------|-----------------Environment----------------|----------------Stress-----------------|
                              |-----------Average-----------|---Cumulative--|        (0=Min, 1=Max Stress)          |
                         Time  Temp  Temp Solar Photop          Evapo |----Water---|--Nitrogen--|--Phosphorus-|
                         Span   Max   Min   Rad  [day]    CO2   Rain  Trans  Photo         Photo         Photo
                         days    øC    øC MJ/m2     hr    ppm     mm     mm  synth Growth  synth Growth  synth Growth
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------
 Emergence -First Flower   49  23.3  13.5  13.4  12.01  380.0  375.2  134.3  0.000  0.001  0.000  0.019  0.000  0.000
 First Flower-First Seed   22  26.6  16.0  19.3  13.05  380.0   97.0   97.2  0.000  0.000  0.000  0.000  0.000  0.000
 First Seed - Phys. Mat.   74  30.1  18.5  22.8  13.76  380.0  540.6  382.3  0.026  0.056  0.000  0.007  0.000  0.000
 Emergence  - Phys. Mat.  145  27.3  16.5  19.1  13.06  380.0   1013    614  0.013  0.029  0.000  0.010  0.000  0.000

 Planting to Harvest      163  27.4  16.4  19.3  13.02  380.0   1046    665  0.012  0.026  0.000  0.021  0.000  0.000
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

*Resource Productivity
 Growing season length: 163 days

 Precipitation during growing season      1045.6 mm[rain]
   Dry Matter Productivity                  0.83 kg[DM]/m3[rain]          =    8.3 kg[DM]/ha per mm[rain]
   Yield Productivity                       0.51 kg[grain yield]/m3[rain] =    5.1 kg[yield]/ha per mm[rain]

 Evapotranspiration during growing season  665.5 mm[ET]
   Dry Matter Productivity                  1.30 kg[DM]/m3[ET]            =   13.0 kg[DM]/ha per mm[ET]
   Yield Productivity                       0.80 kg[grain yield]/m3[ET]   =    8.0 kg[yield]/ha per mm[ET]

 Transpiration during growing season       443.3 mm[EP]
   Dry Matter Productivity                  1.95 kg[DM]/m3[EP]            =   19.5 kg[DM]/ha per mm[EP]
   Yield Productivity                       1.20 kg[grain yield]/m3[EP]   =   12.0 kg[yield]/ha per mm[EP]

 N uptake during growing season               78 kg[N uptake]/ha
   Dry Matter Productivity                 111.0 kg[DM]/kg[N uptake]
   Yield Productivity                       68.1 kg[yield]/kg[N uptake]

--------------------------------------------------------------------------------------------------------------

                   Soybean YIELD :     5313 kg/ha    [Dry weight]
```

PlantGro - Bloco de notas

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

@YEAR	DOY	DAS	DAP	L#SD	GSTD	LAID	LWAD	SWAD	GWAD	RWAD	VWAD	CWAD	G#AD	GWGD	HIAD	PWAD
2012	234	35	0	0.0	0	0.000	0	0	0	0	0	0	0	0.0	0.000	0
2012	235	36	1	0.0	0	0.000	0	0	0	0	0	0	0	0.0	0.000	0
2012	236	37	2	0.0	0	0.000	0	0	0	0	0	0	0	0.0	0.000	0
2012	237	38	3	0.0	0	0.000	0	0	0	0	0	0	0	0.0	0.000	0
2012	238	39	4	0.0	0	0.000	0	0	0	0	0	0	0	0.0	0.000	0
2012	239	40	5	0.0	0	0.000	0	0	0	0	0	0	0	0.0	0.000	0
2012	240	41	6	0.0	0	0.023	12	3	0	14	14	14	0	0.0	0.000	0
2012	241	42	7	0.1	0	0.025	13	3	0	15	15	15	0	0.0	0.000	0
2012	242	43	8	0.1	0	0.028	14	3	0	15	17	17	0	0.0	0.000	0
2012	243	44	9	0.2	0	0.032	15	3	0	15	18	18	0	0.0	0.000	0
2012	244	45	10	0.3	0	0.037	17	3	0	16	20	20	0	0.0	0.000	0
2012	245	46	11	0.4	0	0.043	19	4	0	17	22	22	0	0.0	0.000	0
2012	246	47	12	0.5	0	0.050	21	4	0	19	25	25	0	0.0	0.000	0
2012	247	48	13	0.6	0	0.055	22	4	0	21	27	27	0	0.0	0.000	0
2012	248	49	14	0.7	0	0.060	25	5	0	23	29	29	0	0.0	0.000	0
2012	249	50	15	0.8	0	0.068	26	6	0	26	32	32	0	0.0	0.000	0
2012	250	51	16	0.9	0	0.074	27	6	0	28	34	34	0	0.0	0.000	0
2012	251	52	17	1.1	0	0.095	32	7	0	30	39	39	0	0.0	0.000	0
2012	252	53	18	1.3	0	0.115	37	7	0	31	44	44	0	0.0	0.000	0
2012	253	54	19	1.5	0	0.131	40	8	0	32	48	48	0	0.0	0.000	0
2012	254	55	20	1.6	0	0.143	43	8	0	33	51	51	0	0.0	0.000	0
2012	255	56	21	1.7	0	0.160	48	9	0	35	56	56	0	0.0	0.000	0
2012	256	57	22	1.9	0	0.179	52	10	0	39	62	62	0	0.0	0.000	0
2012	257	58	23	2.1	0	0.192	58	11	0	41	69	69	0	0.0	0.000	0
2012	258	59	24	2.3	0	0.223	69	12	0	44	81	81	0	0.0	0.000	0
2012	259	60	25	2.5	0	0.256	72	12	0	45	85	85	0	0.0	0.000	0
2012	260	61	26	2.7	0	0.297	77	13	0	47	90	90	0	0.0	0.000	0
2012	261	62	27	3.0	0	0.337	82	15	0	51	98	98	0	0.0	0.000	0
2012	262	63	28	3.2	0	0.372	87	16	0	51	103	103	0	0.0	0.000	0
2012	263	64	29	3.3	0	0.392	97	17	0	56	114	114	0	0.0	0.000	0
2012	264	65	30	3.4	0	0.405	105	19	0	58	124	124	0	0.0	0.000	0
2012	265	66	31	3.5	0	0.423	116	20	0	61	136	136	0	0.0	0.000	0
2012	266	67	32	3.6	0	0.439	125	22	0	63	147	147	0	0.0	0.000	0
2012	267	68	33	3.7	0	0.458	135	23	0	65	159	159	0	0.0	0.000	0
2012	268	69	34	3.9	0	0.508	154	30	0	73	184	184	0	0.0	0.000	0